

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

**BRINQUEDOS CANTADOS**

**Por**

**Ione Maria R. de Paiva**

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina  
para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção

Orientador: **Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.**

Florianópolis, 2000

**BRINQUEDOS CANTADOS**

Nome: **Ione Maria R. de Paiva**

Área de Concentração:

**Mídia e Conhecimento**

Orientador:

**Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.**

Florianópolis, julho de 2000

**BRINQUEDOS CANTADOS**

Nome: **Ione Maria R. de Paiva**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Engenharia, especialidade em Engenharia de Produção, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, em agosto de 1999.

---

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D.

Coordenador do Curso de Pós-Graduação  
em Engenharia de Produção

Banca Examinadora:

---

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.

Orientador

---

Prof. Elson Manoel Pereira, Dr.

---

Prof. Elaine Ferreira, Dr.

### **Dedicatória**

À você, Luis Gustavo, onde quer que esteja, para quem dediquei toda a minha vida e amor procurando dar-lhe uma infância e uma juventude feliz.

### **Agradecimentos**

Ao meu orientador, Dr. Francisco Antônio Fialho, por seu apoio e palavras de confiança.

Aos meus familiares e amigos, pela paciência e respeito com a minha falta de tempo para eles.

Ao prof. Jorge Alberto, Anita e Magaly pela ajuda na finalização deste trabalho.

**SUMÁRIO**

<b>Resumo.....</b>	<b>p.IX</b>
<b>Abstrat.....</b>	<b>p.X</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>p.1</b>
<b>1.1 Justificativa.....</b>	<b>p.3</b>
<b>1.2 Estabelecimento do problema.....</b>	<b>p.4</b>
<b>1.3 Objetivo Geral e Específico.....</b>	<b>p.4</b>
<b>1.4 Hipótese Dedutiva.....</b>	<b>p.5</b>
<b>1.5 Metodologia.....</b>	<b>p.5</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>p.6</b>
<b>2.1 O pensamento científico em relação ao Universo.....</b>	<b>p.6</b>
<b>2.2 Uma nova visão do mundo.....</b>	<b>p.10</b>
<b>2.3 Padrão da vida.....</b>	<b>p.13</b>
<b>2.4 Educação: movimento constante.....</b>	<b>p.15</b>
<b>2.4.1 As funções cognitivas no novo paradigma.....</b>	<b>p.18</b>
<b>2.4.2 Ensino-aprendizagem.....</b>	<b>p.20</b>
<b>2.4.3 O papel do professor.....</b>	<b>p.22</b>
<b>2.4.4 O papel do aluno.....</b>	<b>p.24</b>
<b>2.5 Teoria das Inteligências Múltiplas.....</b>	<b>p.26</b>
<b>2.5 1 A nova escola e a tecnologia: resgatando o prazer.....</b>	<b>p.29</b>

2.5 2	Objetivos da escola do futuro: educação para a cidadania.....	p.31
<b>2.6</b>	<b>A Educação Física Construtivista-Interacionista.....</b>	<b>p.36</b>
2.6.1	O papel da Educação Física no desenvolvimento motor, afetivo e social.....	p.37
2.6.2	O comportamento social da criança .....	p.40
2.6.3	A Criança e o desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo .....	p.41
<b>2.7</b>	<b>O lúdico e a infância em perigo.....</b>	<b>p.42</b>
2.7.1	O direito de brincar.....	p.45
2.7.2	Diferenças entre Brincadeira Infantil e Jogo.....	p.46
2.7.3	A importância do brincar.....	p.49
2.7.4	Reabilitação do recreio .....	p.51
2.7.5	Os Jogos.....	p.53
2.7.6	O Jogo como mecanismo interativo-social.....	p.57
2.7.7	O jogo através de um paradigma ecológico.....	p.59
<b>3</b>	<b>O RITMO – A MÚSICA.....</b>	<b>p.60</b>
<b>3.1</b>	<b>A Dança como unificadora.....</b>	<b>p.63</b>
<b>4</b>	<b>OS BRINQUEDOS CANTADOS.....</b>	<b>p.65</b>
<b>4.1</b>	<b>Conceito.....</b>	<b>p.65</b>
<b>4.2</b>	<b>Origem.....</b>	<b>p.66</b>
<b>4.3</b>	<b>Contribuição Folclórica.....</b>	<b>p.69</b>
<b>4.4</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>p.71</b>
<b>4.5</b>	<b>Influência na formação integral da criança.....</b>	<b>p.71</b>

<b>4.6 Contribuição na construção da cidadania.....</b>	<b>p.74</b>
<b>4.7 Possíveis razões para o desaparecimento dos Brinquedos Cantados .....</b>	<b>p.80</b>
<b>4.8 Divisão.....</b>	<b>p.80</b>
4.8.1 Classificação das rodas.....	p.81
<b>4.9 Escolha dos Brinquedos.....</b>	<b>p.84</b>
4.9.1 Planejamento didático .....	p.85
4.9.2 Procedimentos .....	p.86
<b>5 TEORIZANDO O EMPÍRICO.....</b>	<b>p.88</b>
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>p.92</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>p.95</b>
<b>8 ANEXOS 1</b>	
<b>10 SUGESTÃO PARA FUTUROS TRABALHOS</b>	

## RESUMO

O sistema de trabalho exposto procura justificar o valor dos Brinquedos Cantados para a formação da cidadania da criança, bem como resgatar estes brinquedos já quase totalmente esquecidos na memória dos tempos passados, trazendo-os para o currículo do ensino fundamental.

O universo fixo e fragmentado bem como toda a concepção mecanicista da vida deu lugar a uma consciência de inter-relação e interdependência de todos os fenômenos. A idéia do Universo como uma grande roda, onde todos os elementos se integram, estende-se à educação como parte deste todo e sugere-se a necessidade de mudanças urgentes.

Assim, é preciso que a educação solte suas amarras do sistema formal e padronizado, e perceba o indivíduo como parte de um todo maior e não mais como um ser isolado, dependente e esmagado por rotinas massificantes. O corpo e a mente do homem não são dicotômicos/uma dualidade. Na verdade, eles se completam e se justificam como um todo na produção da vida. "Corpo e mente devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar" (Freire, 1989, p.13).

Questiona-se também a forma como a infância das crianças lhes está sendo roubada e como é importante a inclusão de jogos e brincadeiras em seu cotidiano.

Partindo de experiências vivenciadas com os Brinquedos Cantados, atuando como agentes da cidadania, decidiu-se pela elaboração deste trabalho na tentativa de mostrar a importância dos mesmos na integração da criança ao meio, desenvolvendo sua sociabilidade bem como sua afetividade, levando-a a resgatar sua identidade cultural.

Pretende-se mostrar também que estes brinquedos são um elo integrador entre os aspectos cognitivos, afetivos e sociais e sua preservação é fundamental como recurso para desenvolver e aperfeiçoar valores que fazem parte de nossa cidadania. Os Brinquedos Cantados estão aqui classificados apenas por uma questão de facilidade de análise do material estudado.

## ABSTRACT

The system here exposed in this paper tries to justify the significance of the SUNG GAMES for the making of children citizenship, as well as to rescue these kinds of games and amusements, almost totally forgotten in the old times, bringing them back to the curriculum of the elementary school.

The unchanging and fragmented universe, as well as every mechanistic conception of life, have made the coming up of a conscience of an inter-relationship and an interdependence of all phenomena. The idea of the Universe as a big wheel, where all the elements are integrated, continues in education as part of this big whole and we suggest some urgent changes.

Thus, it is pressing that education untie itself from the formal and standardized system, and notices the human being as part of a larger whole, and no more as a fragmented being, completely isolated and vanquished by oppressive routines.

There is no such a duality between man's mind and body. Actually body and mind complement and justify themselves as a whole when producing life. "Both mind and body should have seating at school; not the former to learn and the latter to bear, but both to emancipate themselves" Freire (1989, p.13).

It is also questioned the way childhood is being stolen from the children and how important it is to include games and amusements in their daily life.

Starting from experienced activities with the SUNG GAMES, as citizenship agents, we have decided to accomplish this work in an attempt to show the importance of those games in the process of integrating children to their environment, thus developing their self-esteem, independence and autonomy.

We have also tried to show that these games are a connecting link among the cognitive, affective and social aspects and, their preservation is essential as a supply to develop and improve the values which are part of our citizenship.

The Sung Games are here listed, just to make it easier for the reader the analysis of the studied material.

## 1 INTRODUÇÃO

A criança em sua primeira infância se considera o centro de todas as coisas e acredita que tudo gira ao seu redor. Ao chegar à segunda infância e entrar para a escola, depara-se com um mundo para o qual muitas vezes não está preparada. Apresenta dificuldades em entender o ponto de vista e os desejos do outro, bem como estabelecer normas de convivência necessárias dentro de um sistema pré estabelecido de socialização. Nesta fase a criança necessita de atividades que sejam uma imitação das atividades do lar. Ela possui fertilidade de imaginação e capacidade de aproveitar o espírito criador de cenas que reproduz a cada passo.

A Educação Física pouco tem contribuído para a formação social da criança não levando em conta seu mundo, tão rico em movimentos e com culturas e tradições próprias. Acaba por colaborar com o velho padrão das escolas que exige que as crianças permaneçam imóveis, silentes, presas em exercícios estéreis que em nada contribuem para seu desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo. Segundo Dieckert (1986, p.27).

“ O Brasil precisa de um novo tipo de Educação Física Escolar, cujo objetivo central não pode ser a produção e a comprovação de rendimentos, mas a motivação de todos os alunos para uma prática esportiva por toda a vida”.

Com isso o professor muitas vezes não percebe que deve trabalhar com a criança sem fragmentá-la, visando alcançar objetivos educacionais e não apenas diverti-la com brincadeiras sem fundamentação alguma. Isso nos faz pensar em Harper (1980, p.83 - 85)

quando relata: “O aprendizado de cada um por si, da competição... do sentimento de inferioridade... da submissão”.

O desafio que se coloca agora para a Educação Física é que esta contribua para que o aluno problematize a organização social posicionando-se diante dela. Diz Vago (1995, p.22).

“Numa sociedade que fragmenta o ser humano, que quer torná-lo individualista e triste,... o ensino da Educação Física, no instante mesmo em que se realiza, pode apontar outra direção: constituir-se num momento marcante na vida dos alunos na medida em que lhes possibilita a alegria do movimento...da expressão corporal coletiva e lúdica que os aproxima”.

Apesar de muitas mudanças terem ocorrido na vida da criança de hoje, que tem a seu dispor toda a tecnologia de brinquedos e brincadeiras eletrônicas, o conceito de que elas não sabem mais brincar, parece errôneo. A infância da criança lhe está sendo brutalmente usurpada no seu espírito e na sua ingenuidade. Sua maturação se dá precocemente e o tempo em que brincavam e cantavam nas ruas já não existe mais. O número de crianças que não brinca durante o recreio corresponde ao número de tragédias infantis, pelas quais a escola é moralmente responsável. Hoje sabe-se que quem brincou bastante na infância, terá maiores probabilidades de se tornar um adulto trabalhador e equilibrado.

Drumond, (apud Paiva, 1998, p.14) descreve que o “Brincar com a criança não é perder tempo. É ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados, enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

Dessa forma os Brinquedos Cantados sempre agradaram às crianças de todas as idades. Através desta brincadeira tão rica em cultura, tão repleta de movimentos, tão cheia de fantasias, as crianças apresentam a primeira demonstração de seu espírito associativo.

A exemplo disso temos em Marinho (1971, p.288) “Os regionalismos verbais que se encontram em suas letras, concorrem para ajustar a criança ao meio ambiente. Mas, além de promover a sua integração à região e à Pátria, o folclore estreita os laços humanos, por apresentar quase sempre, em sua simplicidade, os traços comuns a vários povos”.

Ao se darem as mãos e cantarem em conjunto, as crianças passam a vivenciar uma das primeiras manifestações de sua sociabilização.

Portanto, para Novaes (1983, p.7) “O brinquedo ou cantiga de roda é, sem dúvida, uma atividade de grande valor educativo. É modalidade de jogo muito simples e, por incluir tradição, música e movimento, constitui-se num poderoso agente socializador”.

## **1.1 Justificativa**

Muito pouco tem sido escrito sobre os Brinquedos Cantados, tão queridos das crianças e com grande importância para seu desenvolvimento.

Esta atividade tem o privilégio de reunir em uma só brincadeira, o jogo, a dança e a música que, quando eficientemente aplicados à criança, possui uma ação educadora como poucas. Pode ser de grande utilidade ao professor em sua ação como orientador proporcionando à criança o exercício da sua livre expressão e criatividade.

Com isso, propomos com esse trabalho tirar os Brinquedos Cantados do esquecimento, pois, ao observar crianças nas grandes cidades, muitas vezes quando solicitadas a brincar de roda, demonstravam total desconhecimento desta brincadeira.

Portanto, acreditamos que esses brinquedos exercem papel fundamental na socialização das crianças que, ao participarem de uma roda cantada, sentem que fazem parte dela, aprendem a viver em conjunto, dando a conhecer seu nome, esperando sua vez. Na roda, assim como nos sistemas autopoieticos, não há hierarquias. Cada um tem sua função, ninguém é fundamental. Deixam também fluir seu lado emocional pois a criança enquanto canta, torna-se momentaneamente feliz, conseguindo aliviar suas tensões.

## **1.2 Estabelecimento do problema**

De que forma explorar todo o potencial dos Brinquedos Cantados na construção de valores dentro da cidadania, recriando o lúdico, resgatando a fantasia e levando nossas crianças a seguirem de mãos dadas pela vida afora tornando-se mais solidários, cooperativos, e conseqüentemente construtores de um mundo melhor?

## **1.3 Objetivo Geral e Específico**

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância dos Brinquedos Cantados na construção da cidadania da criança na fase escolar.

## **1.4 Hipótese Dedutiva**

Após trabalhos realizados com Brinquedos Cantados as crianças passarão a possuir um grau maior de socialização e menor agressividade, exercendo plenamente sua cidadania.

## **1.5. Metodologia**

A metodologia prevista será a de documentação indireta e de base bibliográfica de documentação direta, com observação extensiva através da técnica de história de vida profissional.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 O pensamento científico em relação ao Universo**

*“Não digais nunca, é natural. Afim de que nada passe por imutável”.*

*B. Bretch*

Em toda a história, a idéia de uma energia universal que impregna toda a natureza foi defendida por muitos cientistas. Os pitagóricos registraram essa idéia de energia vital por volta de 500 anos a.C.

Os cientistas do final do século XVIII e início do século XIX, viam a terra como um ser vivo e inteligente. Esta concepção já foi observada desde os primórdios da história. Gaia, a Deusa terra era cultuada na Grécia antiga. Uma civilização femeocentrada mostrava a capacidade da mulher de criar e sustentar uma cultura. Esta civilização expôs as falsidades da história patriarcal e propiciou modelos de força e autoridade femininas. A cultura americana nativa dividia o tempo em dois aspectos: o Agora e os Outros tempos. Os aborígenes australianos também dividiam o tempo em o Tempo Grande e o que está passando.

No período neolítico a mãe natureza ou mãe terra foram cultuadas até a Renascença onde a visão do universo unificado começou a ser deturpada.

Esta definição de Universo, como feito de objetos sólidos, era defendida principalmente por Isaac Newton, no final do século XVII e começo do século XVIII. A física Newtoniana descreveu os movimentos dos planetas, das máquinas mecânicas e dos fluídos em movimento contínuo e isto levou os físicos a acreditarem que o Universo era um imenso sistema mecânico que funcionava de acordo com as leis de Newton, consideradas como leis básicas da natureza. Estas leis sustentavam as idéias do tempo e espaço absolutos e dos fenômenos físicos rigorosamente causais da natureza. Podiam ser examinadas isoladamente, isto é, o “ser” de uma coisa no espaço não afetava ou tocava, seu “ser” no tempo.

O tempo era só um lugar para tudo o que existe e era medido sempre por uma escala. Enfim, considerava-se possível medir com uma só medida todos os movimentos possíveis do Universo. Pressupunha-se partes isoladas e redutíveis aos múltiplos átomos individuais e às forças que atuam sobre eles.

O elétron era aceito como algo que existia no mesmo mundo em que existem nossos corpos e outros objetos comensuráveis a eles. O Universo para Newton, era fixo, previsível e sujeito a leis flexíveis. Com estas idéias abriu-se um abismo intransponível entre os seres humanos e o mundo físico. A consciência humana não tinha lugar no mundo de Newton. Este pensamento estendeu-se ao século XVIII quando René Descartes concebeu em sua filosofia, dois reinos separados e independentes: o da mente e o da matéria. Esta filosofia do ser dual deu origem a física clássica que dominou todo o pensamento científico até a pouco tempo.

O pensamento de Descartes compactuou com a filosofia religiosa de um Deus antropomórfico que governava o mundo sob leis invariáveis e eternas apoiado na concepção de Aristóteles que acreditava que tudo o que dizia respeito à alma humana e à contemplação da perfeição de Deus era mais valioso do que qualquer investigação do mundo material.

A mente separada do corpo causava um conflito entre a vontade consciente e os instintos involuntários trazendo confusão e gerando conflitos raciais, religiosos e políticos em nossa sociedade.

Os cientistas acataram esta visão mecanicista até o fim do século XIX onde as leis da natureza não eram questionadas já que provinham de um Deus sábio e infalível. Os fenômenos físicos, que não podiam ser descritos pela física de Newton, levaram os

estudiosos como Michael Faraday e James Maxwell a elaborarem um conceito de um campo. Este campo era definido como uma condição capaz de produzir uma força. Deixando de lado o conceito newtoniano de que partículas positivas e negativas se atraem, estes dois cientistas conceberam que cada carga cria uma “perturbação” no espaço à sua volta de modo que a outra carga sente esta força. Com isso, nasceu a idéia de campos criadores de forças, que interagem umas com as outras (Fialho, 1998).

Em 1905, Albert Einstein publicou a sua Teoria Especial da Relatividade e jogou por terra os conceitos principais de Newton. De acordo com a teoria da relatividade, o espaço não é tridimensional e o tempo não é uma entidade separada. Íntimamente ligados entre si, formam ambos um contínuo tetradimensional, o espaço-tempo e este tempo não é linear, é relativo. Por isso, todas as mensurações que envolvem espaço e tempo perdem sua significação absoluta. Conforme essa teoria, dois observadores poderão ver dois eventos, isto é, o mesmo fenômeno em tempos invertidos. O observador 1, dirá que o evento A ocorreu antes do evento B e para o pesquisador 2, o evento B ocorreu antes do evento A. Também conforme esta teoria, está a compreensão de que matéria e energia são intercambiáveis. A massa nada mais é do que uma forma de energia e a matéria é uma energia desacelerada.

A experiência do ser humano existe fora do sistema newtoniano. O relógio faz parte deste sistema porque este é um aparelho destinado a medir o tempo linear, definido pela mecânica de Newton. O Dr. Wilhelm Reich, psiquiatra e colega de Freud, no início do século XX, interessou-se por uma energia universal dando-lhe o nome de Orgone. Segundo ele, os distúrbios e bloqueios desta energia no corpo, causavam estados mentais e emocionais negativos. Entre 1930 e 1950, Reich realizou experiências com estas energias, observando que estas impregnavam todos os objetos orgânicos e inanimados (Capra, 1982).

Sociólogos, filósofos, psicólogos e escritores como Hegel, Max Weber, Jung, Sartre, Thomas Berry e Peter Berger manifestaram sua insatisfação com a ciência mecanicista e conseqüentemente com a cultura que ela gerou.

## **2.2 Uma nova visão do mundo**

Um novo tipo de visão holística veio substituir a física clássica que traçava uma linha entre os seres humanos e o mundo material. No Universo tudo está relacionado e em renovação contínua. Tudo faz parte do todo como se o todo fosse um grande caldeirão de energia e cada ser vivo recebesse uma “conchada” desta energia, sendo então responsável por ela. Portanto, tudo dentro deste imenso “caldeirão de energia” está relacionado, interconectado como numa grande roda.

Estamos mergulhados num campo de energia vital e de formas bioplásmicas que se movem ao redor do corpo e dele emanam. Conceitos como “partícula elementar”, “substância material” ou “objeto isolado” perderam o significado. O universo inteiro parece uma teia dinâmica de modelos inseparáveis de energia.

O mundo passou de fragmentado, baseado em conceitos separatistas, a ser compreendido como uma rede de relações com o universo, em constante movimento, onde nada é definitivo, apenas provável. Este novo modelo de ciência trouxe o conceito de auto-organização dos seres vivos.

“Todos os fatos percebidos pelos sentidos acham-se interrelacionados, unidos entre si, constituindo simplesmente aspectos ou manifestações diversas de uma mesma realidade última” (Capra, 1975, p.26).

À medida que este novo conhecimento se desenvolveu, a física newtoniana deu lugar às teorias da relatividade, tornando-se cada vez mais capaz de vislumbrar as conexões entre as descrições científicas objetivas do nosso mundo e o mundo da experiência humana subjetiva. A física quântica com sua realidade aparentemente impossível fez com que muitos físicos, possuídos pelo “arquetipo de Alice” de Lewis Carrol, se posicionassem com um “eu não acredito nisto” diante de fenômenos incríveis como partículas que mudam de identidade sem motivo aparente.

A ciência agora admite que existe uma relação mútua entre todas as coisas. Todos os opostos são polares. O bem e o mal, o masculino e o feminino, o claro e o escuro, o frio e o quente são aspectos diferentes de um mesmo fenômeno. São dois lados de uma mesma realidade. Partes extremas de um único todo como yin e yang, que significa a interação dinâmica, complementar dos opostos atuando em todos os fenômenos naturais e em todas as situações humanas.

O universo é visto como um todo orgânico, espiritual e material ao mesmo tempo. De acordo com Brodsky (1974, p.7) “os conflitos e a desunião que prevalecem em nosso mundo exterior são reflexos da fragmentação de nossa natureza pessoal”.

Apesar de todos estes novos conceitos estarem emergindo, ainda há muitos que preferem ver o mundo sólido e em grande parte imutável, com um conjunto de regras muito claras e definidas governando seu funcionamento e podendo ser decompostas em uma coleção de elementos. Muitas dessas pessoas deixam suas vidas fluírem de acordo com a

mecânica newtoniana: define-se as experiências em grande parte em função do espaço tridimensional e do tempo linear absoluto (Fialho, 1998).

O homem participa do conjunto da vida na terra e o estudo da significação dessa vida é inseparável do estudo em si. Assim sendo, como descreve Brennan: “Não somos partes de um todo. Somos o Todo” (1987, p.48).

Esta noção de tudo em cada um e cada um em tudo é descrito no Avantamsaka Sutra, que traduz a filosofia budista na sua forma mais elementar. Neste sutra há uma descrição do mundo visto pelo “iniciado” quando em estado de “iluminação” e diz que “os contornos sólidos da individualidade se dissolvem e o sentimento de finitude deixa de nos oprimir” (Capra, 1975, p.219).

Toda realidade precisa ser compartilhada. Até o mais privado comportamento individual afeta e é afetado pelos padrões sociais na sociedade como um todo.

O homem é obrigado a levar sempre em consideração o conjunto, não podendo isolá-lo e analisá-lo independentemente.

Um diálogo entre o observador e o observado sugere uma possibilidade de integração e interação bem mais completa entre estes seres humanos com a realidade física. Na linguagem quântica, o observador tem um papel crucial na geração da própria situação que ele observa; a presença de uma pessoa ou mesmo suas expectativas alteram fisicamente o que vê. A física é tomada como parâmetro por ser uma linguagem universal. E para que se compreenda esta teia que é chamada de vida, faz-se necessário que se compreenda sua organização.

### 2.3 Padrão da vida

Todos os seres vivos obedecem a um padrão de organização de vida. Este padrão é conhecido como Autopoiese. Segundo Capra (1996, p.144) “Autopoiese é um conjunto de relações entre processos de produção”.

Através da autopoiese, Maturana (apud Capra, 1996) descobriu as respostas para o significado da cognição bem como para a natureza da vida. Segundo o pensamento sistêmico “os sistemas vivos são totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas às partes menores” (Capra, 1996, p.46).

Capra também define o padrão da vida como uma rede capaz de auto-organizar-se. A visão quântica admite que tudo é construído através de redes energética interativas que cooperam entre si. Sheldrake (apud Brennan, 1987) relata que todos os sistemas são regulados não só por energias mas também por campos invisíveis de organização. Para que haja auto-organização, é preciso que ocorram perturbações, desafios, problemas e turbulências que estimulem as reações do organismo.

Com nomes variados como “dinâmica da rede”, “dinâmica não linear”, “teoria dos sistemas dinâmicos” e “redes autopoieicas”, Kant, (apud Capra, 1996, p.36) disse que “os organismos, ao contrário das máquinas, são totalidades auto-reprodutoras e auto-organizadas”

Os sistemas vivos são concebidos como redes e interagem com outras redes através de nós. Cada nó representa um organismo e este por sua vez forma outra rede e assim por diante. Quando observados, estes nós revelam-se redes menores. Assim, não há hierarquia

dentro de uma rede. Nenhuma propriedade é fundamental. Há somente redes que comportam outras. Compreendê-la é compreender a natureza da vida.

Toda rede regula a si mesma por meio de realimentação. Os componentes da teia alimentar estão numa contínua morte e nascimento através dos processos de transformação da rede.

“O mundo aparece assim como um complicado tecido de eventos, no qual concepções de diferentes tipos se alternam, se sobrepõe ou se combinam, e por meio disso determinam a textura do todo” (Capra, 1980, p.264).

As certezas da física clássica, como categorias rígidas de espaço e tempo, deram lugar ao mundo da física quântica, cujas leis zombam dos limites do espaço, do tempo e da matéria. Ela não descreve o comportamento do microcosmo no interior dos átomos, bem como o *laser*, os supercondutores e os superfluidos, as estrelas de nêutrons e o raio *laser* interestelar que transmite sinais de rádio coerentes entre as estrelas.

A chamada nova ciência propõe uma mudança de paradigma de uma visão do mundo racional, mecânica para uma visão de mundo ecológica, holística. Esta física moderna expressa que os componentes da matéria acham-se interligados não podendo ser entendidos como entidades isoladas e sim como partes do todo. Ela afirma que não há distância entre objetos, que não existem objetos sólidos e nada é separado de nada. O reino quântico reflete características despercebidas de nossa própria experiência e pode reeducar nosso pensamento.

Assim, para os epistemólogos genéticos, também o conhecimento faz parte de uma construção contínua. Para eles, interessa conhecer não o sujeito em si, mas as etapas de sua

formação e os objetos que são reconhecidos pelo sujeito em suas várias fases da vida. “O conhecimento humano é essencialmente ativo” (Mizukami, 1986, p.64).

## **2.4 Educação: movimento constante**

Heráclito, filósofo grego, declarou “Não podemos entrar em um rio duas vezes, porque novas águas estão fluindo sempre”. Nietzsche, mais de quarenta anos antes de aparecer o conceito da mecânica quântica disse: “Nunca podemos ver o outro lado da nossa esquina” (Zohar, 2000, p.49).

Isto também é verdadeiro para a educação. O conhecimento muda a cada momento. Não se pode trabalhar com verdades absolutas pois tudo está em permanente mutação e aquilo que considera-se como verdadeiro hoje, pode não o ser amanhã. Nada deve ser considerado estável e previsível. A física quântica e seu caráter tanto/quanto, substitui a fixidez do mundo mecanicista. Cada vez mais nos encontramos com pessoas das mais diferentes culturas e tradições. Encontrando nossas raízes comuns, podemos trabalhar com uma educação compartilhada, não importando as diferenças. O professor deve portanto, ser aberto às mudanças.

Neste novo tipo de educação, alunos e professores têm que mostrar cooperação e cumplicidade. Ela deve ser aberta e contínua, não sendo mais possível planejá-la e sistematizá-la previamente. O professor deve agir como um “parteiro”, atuando no sentido

de evocar o conhecimento potencial. A fase do professor autoritário, aluno submisso já passou.

Esta mudança nos paradigmas da educação tem que abranger o uso das novas tecnologias bem como novos modelos de ensino aprendizagem. Para que haja uma mudança é necessário que haja uma revolução interna que levará ao término a uma revolução social. Como todas as revoluções sociais, esta exigirá um fundamento conceptual para ter sucesso. Requer que se adote uma filosofia de vida inteiramente nova. Uma metafísica nova.

“Nada do que adquiriu forma ou vida permanece imutável, e cada mudança serve de algum modo, à vida” ( Vaisse, 1993, p.13).

Os paradigmas precisam ser mudados em todas as áreas: da ciência, do social e principalmente da educação. Nessa área, a grande mudança assenta na forma em que o ser humano é visto: como uma máquina que aprendeu a pensar. Máquina esta, separada da mente e do espírito. Máquina que chamada de corpo, precisa ser treinada até a exaustão, preocupada em mantê-lo jovem a qualquer custo.

A educação no paradigma tradicional aceitava a divisão de sujeito e objeto, corpo e mente, homem e natureza, homem e seu contexto. Daí que as disciplinas eram fragmentadas, gerando comportamentos esperados e objetivos definidos. Segundo Harper (1980, p.16):

“Quanto mais os alunos se empenham em arquivar os (depósitos) que lhes são entregues, tanto menos eles desenvolvem em si a consciência crítica que lhes permitiria inserir-se no mundo como agentes de sua transformação, como sujeitos. Quanto mais se lhes impõe a passividade, tanto mais, de maneira primária, ao invés de transformar o mundo, eles tendem a se adaptar à realidade fragmentada contida nos depósitos recebidos”.

A nova ciência juntamente com a educação percebe a inter-relação e interdependência de todos os fenômenos físicos, econômicos, biológicos, sócio-culturais, psicológicos e educacionais. Um estudo conjunto do universo, da natureza e do homem pode ajudar a enfrentar a crise que a educação está passando. Este conhecimento deve dar prioridade à intuição e à criatividade.

“Na corrente principal de nossa cultura, por outro lado, foi negligenciado o cultivo da sabedoria intuitiva” (Capra, 1982, p.39).

Esta educação deve ser encarada como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir.

A educação pode e deve preocupar-se sobretudo em ser um fator de coesão, levando em conta as diversidades dos alunos, não impondo o mesmo modelo cultural e intelectual à todas as crianças.

O pensamento sistêmico ou ecológico segundo Capra (1996) é um novo modo de pensar onde as propriedades de um organismo são propriedades do todo. É contextual, isto é, para se entender alguma coisa é necessário inseri-la ao todo e não fragmentá-la e isolá-la como no paradigma cartesiano.

#### 2. 4. 1 As funções cognitivas no novo paradigma

Conhecimento é o resultado de uma hierarquia que põe em jogo redes neuronais recebendo, combinando, controlando e associando a informação.

Todo conhecimento é devido às percepções carregadas em si de significações diferenciadas que traduzem o processo pedagógico e a maturação orgânica progressiva. Por isso temos uma variabilidade cognitiva em relação aos outros e em relação a nós mesmos. Pessoas de culturas diferentes, veem, pensam e ouvem diferentemente. O mundo em que se vive é ditado pelo modo como aprendeu-se a percebê-lo. Se mudar a percepção, mudará a experiência. À proporção que progride o nosso conhecimento, há sempre a descoberta de

novos fenômenos, que muitas vezes não podem ser descritos pelas palavras, que são pobres e deixam fugir as verdades.

O conhecimento também é influenciado pelo observador. O próprio experimentador pode influir nos resultados experimentais, não só em experiências psicológicas como também em experiências físicas ( Fialho, 1998 ).

Nenhuma observação tem valor real para o conhecimento em si, se não for considerada em suas relações com toda a estrutura daquele que observa relacionando-a com o conjunto dos elementos e das leis que formam essa estrutura, não só como é no presente, mas também no chamado de vir a ser, isto é, no movimento e na vida como um todo.

O conhecimento deve ser interpretado e obtido de forma interativa. A educação não pode estar dissociada da vida, da realidade. Deve estar relacionado ao processo de reflexão e transformação. O conhecimento apresentado de forma linear promove a ruptura do ser e ameaça a própria vida do planeta. Visto como uma rede, interage com outros conhecimentos.

A cognição segundo Maturana e Varela, (apud Capra, 1996) envolve percepção, emoção e ação, portanto a mente é um processo do cérebro e este não é necessário para que a primeira exista. Isto vem confirmar a proposta do novo paradigma da educação onde conhecimento deve vir associado à intuição e a emoção. Os sentimentos então passaram a integrar o processo de construção do conhecimento.

A pesquisa científica foi até agora embasada no conhecimento racional. Mas um fator de suma importância está sendo levado em conta agora pelos cientistas, que são os “insights” e a intuição .

#### 2. 4. 2 Ensino-aprendizagem

Sócrates (apud Rogers, 1972) foi o primeiro a conceber o método de ensino/aprendizagem, onde o aluno é induzido pelo mestre a tirar suas próprias conclusões.

Com o advento cristão, o papel do professor inverteu e o aluno passou a receber o conhecimento já pronto. Este carácter autoritário e dogmático do ensino manteve-se até o último século. O discurso da nova escola é procurar levar o aluno a ser próprio construtor do conhecimento, não querendo impor o conhecimento já pronto.

Então, aprender é saber realizar. Conhecer é compreender as relações. Relações que dependerão das estruturas mentais que se possui. É atribuir significado às coisas. É não mais transmitir verdades, informações, modelos, e sim levar o aluno a aprender, por si próprio, a conquistar estas verdades.

A construção do saber é ampla. Aí inclui-se idéias de descobrir, inventar, criar.

De acordo com Rogers (1972) a situação ensino-aprendizagem deve:

- restaurar, estimular e intensificar a curiosidade do aluno;
- encorajar o aluno a escolher seus próprios interesses;
- promover todos os tipos de recursos;
- permitir ao aluno fazer escolhas responsáveis quanto às suas próprias orientações, assim como assumir a responsabilidade das consequências de suas opções erradas, tanto quanto das certas;
- promover interação entre meios sociais;
- desenvolver o aluno autodisciplinado e crítico, capaz de avaliar tanto as suas contribuições quanto as dos outros;
- capacitar o aluno a adaptar-se inteligente, flexível e criativamente a novas situações problemáticas do futuro.

Aprender significa assimilar um objeto a esquemas mentais. A concepção piagetiana de aprendizagem comporta possibilidades de novas indagações. Propõe uma

teoria baseada no ensaio e no erro, na pesquisa, na investigação, na solução de problemas por parte do aluno, nos processos não em produtos de aprendizagem.

A aprendizagem verdadeira só se realiza quando o aluno elabora seu conhecimento. Segundo Piaget “tudo o que se ensina à criança a impede de inventar ou de descobrir”.

O objetivo do ensino piagetiano é desenvolver a inteligência. Uma visão alternativa sobre inteligência, será comentada mais à frente, por ser coerente com esta proposta de trabalho. Segundo este Gardner (1995, p.20) “a competência cognitiva humana é melhor descrita em termos de um conjunto de capacidades, talentos ou habilidades mentais que chamamos de inteligências”. Educadores precisam conhecer esta teoria a fim de que possam estimular os vários tipos de inteligências existentes.

#### 2. 4. 3 O papel do professor

O novo professor deve refletir, analisar, tomar consciência do que sabe, dispor-se a mudar os próprios conceitos, buscar novas informações, substituir velhas verdades por teorias transitórias, adquirir novos conhecimentos resultantes da rápida evolução da ciência e da tecnologia. Deve sobretudo assumir o papel de facilitador da aprendizagem, sendo aberto às suas experiências e integrado ao ensino e aos alunos (Rogers, 1972).

O desafio do professor é criar ambientes de aprendizagem garantindo o diálogo permanente do aluno consigo mesmo, com outro aluno, com o professor, com a escola. Deve propor situações problema, sem ensinar-lhe soluções, provocar desequilíbrios,

desafios e reflexões, estabelecendo conexões entre o conhecimento adquirido e o pretendido. Criar, sobretudo condições de cooperação, deixando um pouco de lado a competição, colaboração e trocas entre os alunos. Ao professor de Educação Física em especial, cabe a tarefa de diminuir a tensão existente na competição, criando a igualdade de oportunidades. Deve preocupar-se menos em formar campeões mirins e mais em educar o ser global.

Cabe ao professor também evitar a rotina, fixação de respostas, formação de hábitos. Levar o aluno a trabalhar o mais independente possível.

Segundo Mizukami, (1986) o novo professor deve possuir qualidades como autenticidade, compreensão empática - compreensão da conduta do outro a partir do referencial desse outro e o apreço - aceitação e confiança em relação ao aluno.

“O que se pretende é que o professor deixe de ser apenas um conferencista e estimule a pesquisa e esforço, em lugar de contentar-se em transmitir os problemas já solucionados” (Piaget, 1974, p.18).

#### 2. 4. 4 O papel do aluno

É necessário entender o aluno como ser único. Dotado de inteligências múltiplas, possuidor de diferentes estilos de aprendizagem e conseqüentemente de diferentes capacidades de resolver problemas.

À partir do momento que o aluno for visto como fazendo parte integrante do ambiente, analisá-lo por partes distintas já não faz mais sentido.

Os alunos devem ser capazes de construir e reconstruir o conhecimento, de refletir, pesquisar e realizar descobertas científicas. Precisam pensar mais criativamente, analisar teorias buscando informações onde quer que elas estejam.

É preciso organizar o conhecimento, produzir desafios, levar alegria a cada conquista. A aprendizagem será maior quanto mais se aproximar de sua experiência e ligação com a vida.

A criança aprende melhor quando o conteúdo do que está aprendendo tem conexão com sua vivência. Tudo só tem sentido quando se tem um referencial anterior para compreender (Rogers, 1972).

A escola deve respeitar a criança tal qual é, oferecendo condições para que ela possa desenvolver-se em seu processo de vir a ser. O aluno deve portanto, ser compreendido como um ser que se auto-desenvolve e cujo processo de aprendizagem deve tentar facilitar.

## 2.5 Teoria das Inteligências Múltiplas

A educação tradicional valoriza habilidades intelectuais fundamentadas principalmente no uso da inteligência linguística - capacidade de ler, compreender e escrever textos, bem como no uso da inteligência lógico-matemática - capacidade de processar informação quantitativa. Com isto, alunos que poderiam ser considerados superdotados, não o são, por fazer mais uso do lado direito do cérebro, que inclui percepções intuitivas e abstratas.

A visão pluralista de Gardner (1995) é que a cognição possui muitas facetas e as pessoas possuem forças cognitivas diferenciadas e estilos cognitivos contrastantes. Segundo o autor, inteligência não se avalia através de testes de Q.I. e sim, através da capacidade de resolver problemas e de elaborar produtos.

A teoria das inteligências múltiplas sugere que há independência entre um tipo de inteligência e outro. Exemplo disto está na capacidade de crianças autistas, que não conseguem se comunicar através da fala, mas que conseguem tocar um instrumento musical com exelência. Gardner, acima citado, divide as inteligências em sete tipos, que são:

1. Verbal Linguística: Está relacionada com a linguagem. É usada para falar, escrever, ler e ouvir. É usada pelos poetas;

2. Lógica-matemática: É a inteligência lógica, do raciocínio dedutivo, relacionada aos números, envolvendo formas geométricas, padrões e relacionamentos. É a capacidade de resolver problemas, cálculos, lidando com variáveis e hipóteses ;

3. Musical: É a habilidade/sensibilidade de reconhecer padrões sonoros, sons, ritmos. Grandes gênios ficaram conhecidos neste campo como Mozart, Bach, Betowen e outros;

4. Corporal-cinestésica: É o conhecimento do corpo e seus movimentos. Inclui a habilidade de usar o corpo para expressar emoções, no caso a dança. Para jogar e para interpretar. As computações específicas que um atleta utiliza para resolver um determinado problema corporal-cinestésico, como no caso de um jogador de tênis que calcula a velocidade da bola, do vento e deduz onde esta cairá. Manifesta-se tipicamente no atleta e no artista;

5. Visual-espacial: É a capacidade de visualizar um objeto e criar imagens mentais. Encontra-se nos arquitetos, engenheiros, cirurgiões, escultores, pintores e navegadores, por exemplo, revelando-se em uma competência especial na percepção e na administração do espaço, na elaboração ou na utilização de mapas, de plantas, de representações planas de um modo geral; É encontrada também no jogo de xadrez quando o jogador soluciona problemas através de visualizações sobre diferentes ângulos;

6. Interpessoal: Usada nos relacionamentos pessoa-a-pessoa. Inclui a habilidade de comunicar-se com os outros, perceber seus humores, motivações, intenções e ter empatia por seus sentimentos e convicções promovendo assim, bons relacionamentos. Aparece em líderes religiosos, professores e terapeutas;

7. Intrapessoal: É baseada no conhecimento de si mesmo. É necessário que se esteja bem consigo mesmo, controlando seus humores e emoções. Inclui metacognição, respostas emocionais, auto-reflexão e consciência de conceitos metafísicos. Seria a tão famosa “inteligência emocional”.

Harper (1980, p.73) nos diz: “É coisa sabida que as condições de vida, o local de residência, o tipo de família, o meio ambiente, o tempo de que dispõe os pais para se ocuparem das crianças e ajudá-los nos deveres escolares desempenham um papel decisivo nos resultados obtidos nas escolas”.

Portanto entender as diferenças individuais da criança, tanto de cultura, afetividade, vivências adquiridas e principalmente as diferenças de tipos de inteligência, é uma maneira inteligente de ensinar.

À educação cabe a missão de fazer com que todos “façam frutificar os seus talentos e potencialidades criativas, o que implica, por parte de cada um, a capacidade de se responsabilizar pela realização do seu projeto pessoal” ( Delors, 1998, p.16).

De acordo com Gardner (1995, p.213), “É necessário desenvolver abordagens curriculares que provem ser efetivas para os indivíduos com diferentes perfis intelectuais”.

O professor deve ser sensível às diferenças entre as crianças, tanto no estilo de aprendizagem, quanto às suas características próprias, sua personalidade e experiências anteriores.

Portanto, acha-se é necessário maximizar as chances da criança aprender, abordando novas técnicas, sejam elas artísticas, tecnológicas, lúdicas, etc.

A nova escola deve ter um ambiente inteligente criado especialmente para a aprendizagem. Um lugar onde os alunos possam construir seus conhecimentos segundo os estilos individuais de aprendizagem (Oliveira, 1999).

### 2. 5. 1 A nova escola e a tecnologia: resgatando o prazer

A escola não deve negligenciar os progressos da tecnologia em função de resgatar o respeito pelo ser humano. Deve sim, caminhar de mãos dadas com a ciência e as novas tecnologias, pois segundo Delors isto “implica em matéria de adaptação de culturas e de modernização de mentalidades” (Delors, 1998, p.13).

A tecnologia não deve reforçar o modelo de ensino massificante, escondendo-se por trás da modernidade, correndo o risco de cair na “escola linha de montagem” do século passado. Mas deve sim, proporcionar alegria de criar algo seu, o que leva a criança a querer fazer coisas cada vez mais complexas. A criança não se intimida frente ao

computador, pelo contrário, demonstra prazer ao lidar com ele. Por gostar do que está fazendo, aprende a conviver com a frustração e a tensão de errar, ter que esperar, ir buscar novas soluções.

A educação está avançando no campo científico-tecnológico. Os saberes se renovam com uma velocidade espantosa. As novas tecnologias têm funções diretas sobre a cognição humana, ampliando e alterando muitas destas funções cognitivas, como por exemplo, a memória, a imaginação, a percepção, os raciocínios, representados tecnologicamente e sequencialmente pelos bancos de dados, simulações, realidades virtuais, inteligência artificial.

Ripper (apud Oliveira, 1999, p.68) afirma que: “... o computador exerce frequentemente um fascínio sobre as crianças. Um dos aspectos deste fascínio é liberar a criança das limitações de sua coordenação motora fina, permitindo-lhe exercer atividades complexas do ponto de vista cognitivo”.

Assim como na roda, através do computador, a criança põe para fora seus medos, conflitos, inseguranças e até mesmo as aspirações “com a utilização de mecanismos simbólicos, descobertos por Freud, como o da compensação, do deslocamento, da condensação” (Oliveira, 1999, p.159).

A nova escola deverá ser um lugar onde, em vez de cadeiras enfileiradas, haja sofás confortáveis para leitura, computadores para não só realizar tarefas acadêmicas como para permitir comunicações. A avaliação será feita constantemente e não será baseada na memorização e repetição de respostas, mas será valorizada a capacidade do aluno pensar, refletir e tomar decisões adequadas. A escola deverá oferecer uma visão holística do conhecimento humano e do universo.

## 2. 5. 2 Objetivos da escola do futuro: educação para a cidadania

É preciso pensar na educação do futuro como primordial na construção de ideais de liberdade e justiça social. É necessário preocupar-se em formar indivíduos conscientes, capazes de conviver, dialogar e utilizar instrumentos da cultura. Estes indivíduos devem também ser capazes de exercer a fraternidade, a solidariedade, compreendendo a multiculturalidade e a evolução individual mas ao mesmo tempo coletiva. Educar é preparar para o futuro. Preparar seres criativos, independentes, cidadãos conscientes e solidários que possam ser capazes de participar efetivamente da vida social e política, assumindo tarefas e responsabilidades. Seres que saibam se comunicar nos mais diferentes níveis, dialogar num mundo interativo e interdependente, utilizando sua cultura para emancipação, transformação e libertação. A proposta da escola deve contemplar aspectos que garantam a inserção do homem no mundo do trabalho e das relações sociais (Delors, 1998).

Acredita-se que caberá à educação desenvolver competências fundamentais no sentido de capacitá-lo para assumir o comando da própria vida, para uma participação mais direta, efetiva e responsável na vida em sociedade. Tomando consciência de si próprio e do meio ambiente em que vive, desempenhando o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão. Respeitando o próximo e levando os alunos a fazerem trabalhos voluntários exercendo também sua cidadania.



Educar para formar membros de uma cultura moderna, capazes de se integrar com o seu meio natural e social compreendendo melhor o outro, compreendendo melhor o mundo.

Segundo a Comissão Internacional de Educação, há quatro pilares em que se deve dar mais importância na educação. São eles: Aprender a viver juntos, desenvolvendo um conhecimento acerca dos outros. Aprender a conhecer, levando em conta as mudanças que ocorrem de ordem econômica, social e científica. Aprender a fazer, levando o indivíduo a adquirir uma competência mais ampla que facilite o trabalho em equipe. E aprender a ser, adquirindo capacidade de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal (Delors, 1998).

Educar para criar cidadãos do mundo sem perder suas raízes e suas tradições. Educá-los para que sejam capazes de tomar posse das informações produzidas no mundo.

Responsabilidades repartidas, direitos e deveres assumidos. Educar para a cidadania pensada como ato de coragem, não só de festas e “caras pintadas”, mas de consciência e compromisso social.

O respeito à natureza, aos seres que a habitam sabendo-se integrado com tudo e com todos, desenvolvendo sentimentos de solidariedade e fraternidade onde tudo está em perfeita comunhão. A educação tem uma responsabilidade na edificação de um futuro mais solidário. Deve-se então ajudar a constituir um componente ético à respeito das diversas culturas, valores e filosofias diferenciadas.

Relacionar-se bem com seus alunos é fator primordial e interfere positivamente no fator cidadania. Quando essa convivência é difícil, a violência aflora. “Quer ensinar

cidadania? Há apenas um caminho: tratar colegas e alunos com justiça” diz Castro (apud Silva, 2000, p.21).

É através da mudança de valores e da construção de uma nova ética que encontraremos mais facilmente os caminhos da sobrevivência, fazendo com que o indivíduo adquira respeito e humildade, desenvolvendo um sentido de ética, cidadania e principalmente a consciência de que é necessário se auto-conhecer para conhecer o todo.

Desenvolver o respeito e a humildade não significa submissão. Significa autonomia e reciprocidade. Piaget ( apud Mizukami, 1986, p.72) diz:

“(...) a criança obediente é por vezes um espírito submetido a um conformismo exterior, mas que não se apercebe ‘de fato’ nem do alcance real das regras às quais

obedece, nem da possibilidade de adaptá-las ou de construir novas regras em circunstâncias diferentes”.

Esta compreensão, requer que se abandone o pensamento analítico, reducionista, partindo para o pensamento sistêmico que abrange a visão do todo integrado, cujas propriedades não podem ser reduzidas em partes menores visto que estamos tratando de seres vivos.

“É necessário, pois, optar com a condição de preservar os elementos essenciais de uma educação básica que ensine a viver melhor, através do conhecimento, da experiência e da construção de uma cultura pessoal” ( Delors, 1998, p.15).

Urge a necessidade de uma educação ambiental que seja interligada com a comunidade da qual faz parte. Educação onde sejam considerados os diferentes aspectos da relação do homem com a natureza e com o próprio homem. Educação para ser gente. Para querer para si e para os outros, uma vida melhor e mais justa.

“... é formar para o respeito à justiça e ao direito individual e coletivo do outro. Se houver limite para a liberdade, será o limite imposto pelo direito do próximo” Moraes ( apud Elias, 1996, p.139).

Como diz o sociólogo Herbert de Souza ( apud Elias, 1996, p.143):

“A tese da superioridade absoluta do homem sobre a natureza traz implícita a teoria da desimportância total da natureza e da onipotência total dos seres humanos.

Somente o pensamento democrático será capaz de dar conta dessas questões, não somente quando aplica às relações humanas os seus princípios (igualdade, liberdade, solidariedade, diversidade e participação), mas quando busca elaborar princípios

específicos reguladores da relação humanidade e natureza, capazes de superar a ética dominante, essencialmente utilitária e totalitária”.

Todos esses aspectos constantes das novas pautas influenciam sensivelmente a qualidade da educação e, conseqüentemente, a qualidade de vida no planeta. Um povo educado apresenta um grau de consciência superior, traduzido em seus comportamentos e em suas relações consigo mesmo, com os outros e com a própria natureza. É através da mudanças de valores e da construção de uma nova ética que encontraremos mais facilmente os caminhos da sobrevivência, da compaixão e da solidariedade neste mundo.

## **2.6 A Educação Física Construtivista-Interacionista**

Pela linha mecanicista passou também a Educação Física fazendo desta disciplina uma organização incipiente e indefinida, desconsiderando a criança como ser pensante, desprezando o conhecimento que ela já possuía e impondo-lhe valores distantes de sua realidade. Uma Educação Física defasada e totalmente equivocada pedagogicamente em detrimento do esporte de alto nível.

Nesta linha, o desempenho era padronizado em testes e medidas pré-estabelecidas, tendo como critério de avaliação o rendimento máximo do aluno. As diferenças individuais não eram respeitadas, as tarefas apresentadas já acabadas, devendo o aluno executar as mesmas atividades, no mesmo ritmo, ao mesmo tempo, monótonas e repetitivas, objetivando chegar-se a resultados máximos. Ainda existe este tipo de Educação Física

onde há uma preocupação exacerbada na especialização precoce de alguns esportes e um esquecimento imperdoável das atividades lúdicas tão importantes para as crianças nas séries iniciais. Diz Medina (1989, p.33) “De repente, é preciso cuidar do corpo. É preciso tirar o excesso de gordura. É preciso melhorar a “performance” sexual. É preciso melhorar o visual. É preciso competir. É preciso, acima de tudo, vencer”.

A proposta do construtivismo é a construção do conhecimento, levando o aluno a interagir com o mundo, saindo do lugar comum de ensinar e aprender.

A Educação Física deverá ter como referenciais as condições concretas do aluno, o conhecimento de seus períodos de desenvolvimento, bem como sua experiência anterior. Apresentará atividades de acordo com estes referenciais, levando em conta a iniciativa e a criatividade, construindo indivíduos capazes de transformar sua realidade. “O problema é partir do ponto de vista da criança e não impor-lhe o referencial do adulto” (Freire, 1983, p.76).

### 2. 6. 1 O papel da Educação Física no desenvolvimento motor afetivo e social

A criança necessita de um planejamento de Educação Física bem estruturado e organizado para que sua evolução lúdico-motora não venha tornar-se problemática. No momento a Educação Física está servindo para isolar os alunos transformando-os em oponentes à sociedade (Freire, 1983).

O professor deve proporcionar atividades motoras com níveis de complexidade crescente, incidindo mais no processo do que na performance. Deve também permitir uma liberdade de criação de novos movimentos e estimular o aproveitamento de espaços e equipamentos disponíveis. Ao longo do desenvolvimento infantil, o movimento enriquece a linguagem verbal, substituindo-a e expressando emoções, introduzindo as primeiras impressões sobre os outros.

De acordo com Neto (1995) os objetivos da Educação Física no âmbito desenvolvimentista devem ser os seguintes:

- . Proporcionar condições favoráveis ao desenvolvimento motor e lúdico;
- . Estimular o desenvolvimento da habilidade perceptiva para melhoria do controle motor;

- . Estimular a aquisição e o aperfeiçoamento de padrões motores fundamentais ;
- . Estimular a aquisição de habilidades motoras básicas e específicas;
- . Proporcionar à criança condições que favoreçam o desenvolvimento das habilidades de solução de problemas motores.

Segundo Lapierre & Aucouturier (apud Freire, 1989, p.76) “...de nada adianta a escola tentar desenvolver, na criança, os aspectos cognitivos ignorando as questões afetivas que emergem intensamente nas atividades infantis”. E para Le Boulch (1982, p.37) “Desde o início do desenvolvimento psicomotor inicia-se o processo de socialização, uma vez que o equilíbrio da pessoa só pode ser pensado pela e na relação com outrem”.

Cratty, (apud Mattos, 1993) diz que as crianças com mais sucesso social são as que de algum modo conseguem se distinguir do grupo de modo favorável, apontando a disponibilidade motora e a capacidade de liderar, como um fator importante para o desenvolvimento do status social.

Através das diversas formas de jogo, a criança aprende a constituir um comportamento adaptativo ao grupo social, pois o jogo reflete a realidade, permite adquirir conhecimentos e fornece pretextos para a solução de problemas.

Na utilização desses pressupostos, a Educação Física torna possível através de suas atividades, o contato físico, o faz de conta, o lúdico e o prazer, uma fonte nobre de aproveitamento dos aspectos afetivos sociais e cognitivos.

As formas sociais de movimento, de gestos e de expressões, constituem um patrimônio lúdico da humanidade, bem como a valorização das relações interpessoais que a Educação Física não pode deixar de explorar como fonte de ensino na escola.

## 2. 6. 2 O comportamento social da criança

Comportamento social é um conjunto de ações, atitudes e pensamentos que o indivíduo apresenta em relação à comunidade com que interage. Como ele faz isto é que vai mostrar o seu grau de socialização.

A dificuldade de relacionamento interpessoal parece estar ligada a outros problemas escolares, pessoais e sociais. Estas dificuldades são identificáveis desde os primeiros anos de escolaridade. Vygotsky (apud Freire, 1989) enfatizou que a brincadeira é a fonte principal de desenvolvimento da criança na fase pré-escolar. Acreditava que a criança brinca a princípio pela imitação e posteriormente pela imaginação, sem terem consciência

dos motivos subjacentes à brincadeira. À partir da imitação, a criança constrói seu processo ensino-aprendizagem.

Autores como Caballo, et al (apud Mattos, 1983) descrevem componentes da competência social como habilidades de estabelecer com os outros relações gratificantes.

### 2. 6. 3 A Criança e o desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo

A criança precisa ser exposta a uma estimulação organizada para desenvolver suas capacidades e habilidades motoras satisfatoriamente. É nos primeiros anos de vida que se adquirem os diversos domínios do comportamento motor cognitivo, afetivo-social. Durante os seis primeiros anos, os padrões motores aparecem e se aperfeiçoam evoluindo do simples para o mais complexo, podendo ser encarado como um processo contínuo.

Este processo difere de indivíduo para indivíduo apenas quanto ao momento em que se dão, mas não quanto à seqüência em que ocorrem.

Até por volta de dois anos, a criança interage com outra através de repetição de movimentos. Segundo Samulski (apud Neto, 1997) nesta fase predominam os jogos exploratórios que estimulam a inteligência sensório-motora da criança. Encaixam-se aí os jogos funcionais, que são aqueles jogos em que predomina a alegria do movimento. Em relação ao aspecto sócio afetivo, Wallon, (apud Mattos & Neira, 1999) relata que a criança entre 3 e 6 anos entra na crise da oposição e inibição onde ela adquire consciência do eu, tornando-se narcisista e egocêntrica.

Seguindo até os seis anos, aparecem os jogos simbólicos e de papéis, tipo “faz de conta” pré cooperativos, onde a criança brinca com outra comunicando-se através do corpo e da ação. A seguir, no jogo sócio-dramático, a criança imita adultos em atividades de rotina, ou imagina atividades/indivíduos. É onde encaixam-se os Brinquedos Cantados. Estes tipos de brincadeiras estimulam a descentração. Isto constitui um fator da máxima importância no desenvolvimento social da criança.

Sob o aspecto cognitivo Piaget ( apud Mattos & Neira, 1999) define esta fase como pré conceitual a qual é denominada fase da função simbólica. Sob o aspecto motor, Vayer (apud Mattos & Neira, 1999) descreve que através da ação há uma melhora da precisão de movimentos e uma utilização cada vez mais diferenciada e precisa de seus segmentos.

Portanto, na organização de um processo ensino-aprendizagem de acordo com as características das crianças, deve-se planejar atividades cujos interesses e competências são de total influência no comportamento destas. A criança aprende melhor quando sente prazer no que faz.

## **2.7 O lúdico e a infância em perigo**

Segundo Froebel, (apud Becker, 1968, p.10) deve-se “proporcionar à criança a ocupação de acordo com sua própria natureza, fortalecendo-lhe o corpo, exercitando-lhe os sentidos, estimulando o espírito que começa a despertar, fazendo com que conheça sua própria natureza e a do próximo”.

A infância é a idade do possível, podendo-se projetar sobre ela a esperança de mudança e de transformação social. (Kishimoto, 1997) Ela representa a imagem da inocência e da pureza. Essa infância e inocência estão sendo usurpadas cada vez mais em detrimento de uma sensualidade precoce. E o mais estarrecedor é que parece normal. Influenciadas pela loucura da mídia, essas crianças podem ter uma vida precoce e até promíscua. Segundo psicólogos estudiosos do assunto, isto é um retrocesso da civilização.

São muitas as crianças que se expõe em programas de auditório, festinhas de aniversário, submetendo-se a um papel avesso à naturalidade infantil. Os especialistas alertam para os riscos que o atropelamento do desenvolvimento natural podem trazer para esta criança.

Muitos pais ignorando o perigo a que estão submetendo seus filhos, tentam aplicar suas próprias frustrações sem saber o quanto essas crianças estão perdendo em tempo para brincar e em constrangimentos a que são submetidas.

Esta erotização precoce possui a conivência da sociedade e dos apresentadores e produtores de programas na televisão, que só estão preocupados com os números de audiência que podem alcançar. Já foi provado que esta erotização precoce é a principal responsável pelo aumento de adolescentes grávidas e de crimes com envolvimento de menores.

As crianças de hoje portam-se como gente grande, competindo como gente grande, manifestando angústias e depressões típicas do adulto.

A sociedade tem tendência a manter as crianças ativas intelectualmente e passivas corporalmente e isso é bastante danoso à formação das mesmas pois a necessidade de movimento e jogo nesta fase é importante para a formação de hábitos saudáveis para sua vida.

“Situação semelhante existe em nosso sistema educacional, no qual a auto-afirmação é recompensada no que se refere ao comportamento competitivo, mas é desencorajada quando se expressa em termos de idéias originais e questionamento da autoridade” (Capra, 1982, p.41).

### 2.7.1 O direito de brincar

O brincar é um direito da criança, segundo os Direitos da Criança de 1989, citado por Delors (1998) adotado pela Assembléia das Nações Unidas, a Constituição Brasileira de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990. Todos colocam o brincar como prioridade, sendo direito da criança e dever do Estado, da família e da sociedade. E sabe-se que ele não está sendo cumprido por diversas causas entre elas:

- muitas crianças não dispõem de materiais e estímulos que a convidem a uma prática lúdica natural;
- muitas crianças raramente dispõem de tempo e espaço, em seu dia a dia para brincar e jogar;
- as famílias pertencentes a diferentes extratos sócio-culturais não consideram a importância da atividade lúdica;
- as instituições escolares minimizam a importância da prática da atividade lúdica e o material lúdico ou especialistas nestas áreas estão ausentes;
- nos espaços escolares inexistem tempo para qualquer atividade livre como brincar ou jogar.

### 2. 7. 2 Diferenças entre Brincadeira Infantil e Jogo

A literatura sobre o “brincar” vem crescendo ultimamente, dada a sua comprovação no âmbito educacional. Por este motivo, o brinquedo infantil tornou-se objeto de estudo de sociólogos, psicólogos, antropólogos, educadores e vários outros especialistas que tentam entender porque brincar fascina tanto às crianças.

A observação do ato de brincar fornece o conhecimento do comportamento da criança tanto afetivo como motor e social. Indica como ela interage com os colegas, como expressa suas emoções, como é sua formação moral.

Assim, na procura do entendimento sobre o comportamento da criança através da brincadeira, o adulto vai recuperando a criança que foi um dia e, talvez com muita saudade passe a permitir-se um pouco de fantasia, neste tão conturbado mundo de hoje.

Interessante se faz notar é que algumas lembranças, casos ou episódios da infância perduram na memória por muitos anos. Nestas lembranças, boas ou más o brincar tem se tornado cada vez mais escasso, tanto dentro como fora da escola.

Nas ruas, a mãe teme a violência que assola principalmente as grandes cidades, e na escola, o programa de ensino não deixa espaço para as crianças brincarem.

O brincar modificou-se através deste século, a tal ponto que muitas crianças desconhecem o que é “brincar de amarelinha”, “cabra cega” e “brincar de roda”.

O incremento das indústrias de brinquedo, que já vem pronto, a televisão e toda a mídia eletrônica, têm profunda influência na mente infantil, e afastou a criança do prazer de brincar livre e espontaneamente.

Mais que qualquer outro comportamento, o lúdico é difícil de descrever e definir por ser considerado um fenômeno complexo e global. Sua fundamentação possui várias linhas de investigação e abordagens diferenciadas. As relações entre o desenvolvimento lúdico, o fenômeno da maturação tanto biológica quanto psicológica, e o efeito da experiência anterior são difíceis de se estabelecerem. Brincadeira e Jogo significam quase a mesma coisa, porém a brincadeira não possui regras nem ganhadores e perdedores. O brinquedo difere do jogo também, por possuir uma estreita relação com a criança. Estimula a representação de imagens que evocam a realidade.

Aguns autores como Loisel (apud Faria Junior, 1999) consideram o jogo e a brincadeira como sinônimos. No entanto, Faria Junior et al. (1999) faz distinção entre o jogo, brincadeira e brinquedo.

Na brincadeira a criança lida com questões como o faz-de-conta, a fantasia e a imaginação. Constrói sua identidade junto com o processo de formação da personalidade. Vivencia o que sugere a classe social a que pertence.

Um exemplo de brincadeira infantil é o “soltar pipas”. Na Alemanha, em 1450, em Portugal, século XVII esta brincadeira já era conhecida. Faria Junior et al (1999). Em Portugal leva o nome de: arraia, avião, bacalhau, capuchino, cometa, coruja, estrela, gaiivotão, papagaio, rabo de galo entre outros. No Brasil é conhecida como arraia, papagaio, pipa, pandorga, gaivota.

Outros exemplos de brincadeiras infantis é o cavalgar cavalos de pau, encaixar bilboquê, girar pião, andar sobre latas, pique, esconde-esconde. Não há regras fixas. Brinca-se pelo prazer de brincar.

O Jogo possui um sistema de regras, apesar de manter o carácter fictício e fantasioso das brincadeiras. De acordo com Kishimoto (1997), o jogo caracteriza-se por ser voluntário. Quando imposto, não é mais jogo. Outras características do jogo são:

- Há uma incerteza quanto aos resultados;
- Representa a realidade;
- Permite relacionar ou expressar experiências;
- Permite a integração da crianças ao grupo.

### 2.7.3 A importância do brincar

Jogos, brinquedos e brincadeiras fazem parte do universo da criança, pois o brincar está presente na humanidade desde o seu início. O brincar, é portanto, uma atividade natural, espontânea e necessária para seu desenvolvimento e formação. De acordo com Kishimoto (1997, p.21) “brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo”. Seu papel vai além do controle de habilidades. Sua importância é notável, já que é a partir destas brincadeiras que a criança constrói seu próprio mundo.

O brincar, para alguns educadores, está relacionado ao desenvolvimento social e cognitivo. Para os pais, além das vantagens sobre desenvolvimento social, da criatividade e da personalidade, o brincar também significa prazer e diversão. Para algumas crianças, brincar é tudo o que se faz ao ar livre, como andar de bicicleta, correr, sozinho ou com outras pessoas, como as brincadeiras dramáticas, rodas e atividades artísticas. Para outras, brincar está relacionado a fazer o que lhes apetece. Está relacionado à liberdade de ação, onde possam fazer suas próprias escolhas.

Nas brincadeiras a realidade interna predomina sobre a externa. Esta realidade é caracterizada pelo prazer e alegria. Enquanto brinca, a criança sorri e se satisfaz, favorecendo-a em seus aspectos físico, moral, social e emocional.

Num ponto, porém todos concordam: o brincar tem mais importância para o desenvolvimento sócio-emocional do que para o cognitivo. Quando brinca, a criança adquire mais competências inter-relacionais para a expressão de sentimentos do que para a aquisição de conhecimentos.

De acordo com Neto et al (1997) em estudos realizados sobre o brincar, chegou-se a conclusão de que depois da brincadeira livre, as atividades de expressão musical, plástica e dramática, são as preferidas pelas crianças. Por isso, o Jardim de Infância deveria se preocupar, não em preparar a criança para as futuras aprendizagens formais, reduzindo seu

tempo de brincar, mas sim, dar-lhe espaço e tempo para o divertimento, o lúdico, que será tão ou mais proveitoso para seu desenvolvimento integral

Através dos jogos e brincadeiras a criança ativa o domínio da inteligência, contribuindo para evolução do pensamento e de todas as funções mentais superiores.

O educador, bem como os pais, precisa estar convencido de que brincar é uma necessidade vital na vida da criança e na educação da infância e que pode ser uma das poucas atividades que cria situações onde as desvantagens e as desigualdades sociais e culturais se atenuam ou mesmo se dissipam. O professor de Educação Física deve portanto, estar ciente da riqueza de opções de aprendizagem que o jogo proporciona, adotando uma forma lúdica de propor suas atividades a fim de alcançar seus objetivos pedagógicos.

#### 2. 7. 4 Reabilitação do recreio

O recreio deixou de representar as “horas felizes” que representava outrora. Até a década de 60/70, via-se com muita frequência, os recreios serem aproveitados para se brincar de roda, cantar, jogar e conversar. Hoje, os contextos são pobres e não favorecem as atividades lúdicas. Os meninos mais favorecidos motoricamente, jogam futebol. Os outros, ficam excluídos. As meninas, quando muito, jogam queimada. O recreio acaba sendo visto como locais para medir forças e estabelecer relações de poder. Os excluídos dos jogos geralmente são crianças que apresentam reduzida auto-estima e falta de domínio de competências sociais. Muitas escolas possuem espaços de recreio restritos e pouco interessantes, provocando atitudes anti-sociais e comportamentos agressivos “*bullying*”.

Segundo Pereira et al (1997) há várias formas de promover melhoras no recreio:

- a) diversificação geral do espaço de recreio, criando áreas para as várias atividades e introduzindo equipamentos lúdicos para trepar, escalar, suspender, etc... promovendo práticas diversificadas de atividades lúdicas nos recreios;
- b) criação de áreas de convívio e repouso mais calmas e acolhedoras;
- c) promover interesse na conservação da natureza, como criar jardins, hortas pedagógicas, plantar e tratar arbustos;
- d) embelezar o local, com pinturas, murais e esculturas, em cooperação com alunos e docentes. Criar espaços diferentes como cabanas, árvores, trilhas, labirintos naturais, criando assim equipamentos com características de aventura;
- e) proporcionar uma grande diversidade de atividades, brinquedos e jogos, como teatros, dramatizações, ler e contar histórias, danças e brinquedos cantados, pinturas, construções de jogos de madeira, confecções de jogos alternativos, etc.

Com estes melhoramentos, espera-se melhorar o recreio, estimulando brincadeiras que respondam às suas necessidades de desenvolvimento e alterando assim o comportamento social da criança.

#### 2. 7. 5 Os Jogos

“O Jogo é um caso típico das condutas negligenciadas pela escola tradicional, dado o fato de parecerem destituídas de significado funcional. Para a Pedagogia corrente, é apenas um descanso ou o desgaste de um excedente de energia, mas esta visão simplista não explica nem a importância que as crianças atribuem aos seus jogos e muito menos a forma constante de que se revestem os jogos infantis, simbolismo ou ficção, por exemplo” Jean Piaget (apud Freire, 1989).

Se estudarmos a vida de qualquer povo, das civilizações mais primitivas as de nossos dias, encontramos sempre como expressão de sua cultura, os jogos, os desportos e as danças. O jogar é tão antigo quanto o homem, ou até mais antigo, pois os animais também jogam. Psicólogos, psiquiatras, pedagogos, filósofos e outros pensadores se

utilizaram do jogo para melhor compreender o comportamento humano. Claparède dizia que o jogo, psicológica e fisiologicamente, como toda atividade espontânea de um ser vivo, não é mais que uma manifestação da tendência de todo indivíduo para afirmar sua personalidade (Marinho, 1971). O jogo tem por função permitir ao indivíduo realizar seu eu, ostentar sua personalidade, seguir momentaneamente a trilha de seu maior interesse nos casos em que não o possa conseguir recorrendo às atividades sérias.

Na Áustria, foi realizado um estudo em 12 salas de aula com a duração de quatro anos, nas quais foram introduzidos os jogos no contexto escolar. Foi então reconhecido o valor do jogo não só para a aprendizagem, como para o equilíbrio psíquico da criança. A partir deste trabalho as atividades lúdicas têm sido recomendadas para este nível de escolaridade. Na Noruega e na Suécia também foram introduzidos jogos e brinquedos no início do ensino básico e com resultados satisfatórios. Também outros países têm-se preocupado em desenvolver programas de atividades lúdicas em diferentes áreas de intervenção, chegando a conclusão de que através do jogo as crianças apresentam melhoras em seu processo de aprendizagem.

De acordo com Faria Junior et al (1999, p.416) “O jogo assume uma importância particular por dar a cada indivíduo a possibilidade de se exprimir graças à prática lúdica de significados inconscientes”. Os conceitos de simbolismo e de sublimação ofereceriam a todos a possibilidade de exercer uma “catarse”, possibilitando uma descarga emocional que a sociedade normalmente proíbe. Segundo o mesmo autor, o “jogo torna-se assim um meio para revelar fenômenos em relação ao desenvolvimento e para curar desordens mentais” (1999, p.416). É finalmente, o instrumento transformador da angústia da criança em prazer.

Jogar não é gastar as energias acumuladas das crianças. Quando a criança joga, todo seu esquema motor é acionado, suas emoções afloram, sua socialização é mais solicitada e o esquema cognitivo é estimulado.

O carácter interdisciplinar do jogo é altamente significativo, pois está aliado ao fato da criança ser um todo indivisível. Portanto o professor deve explorar total e exaustivamente o jogo a fim de desenvolver a criança como um todo: ser biológico, cognitivo e social.

O jogo também tem ação terapêutica. Bayer, (apud Faria Junior, 1999, p.416) relata que “A ausência na formação de professores de uma sensibilidade em relação aos métodos clínicos tiram a possibilidade de todo educador de adotar uma atitude clínica”.

Os jogos devem respeitar as fases evolutivas da criança, respeitando seus momentos motores e esquemas de elaboração mental. O jogo, como parte das atividades da Educação Física deve estar comprometido com a formação do aluno, que enquanto brinca continua a

aprender. A investigação sobre o jogo no desenvolvimento da criança e a análise dos seus contextos de vida é uma das tarefas mais importantes na sociedade moderna.

O jogo é uma das formas mais comuns de comportamento da infância e altamente atrativa para os interessados nos domínios do desenvolvimento humano, educação, saúde e intervenção social.

Nas últimas décadas houve um aumento do interesse da comunidade científica em relação ao estudo do jogo, haja visto a realização de seminários e congressos internacionais, o aparecimento de periódicos e livros especializados sobre o assunto, bem como a criação de museus dedicados ao brinquedo e jogos tradicionais.

Alguns problemas devem ser considerados na investigação do comportamento lúdico infantil: as percepções sobre os tempos e espaço de jogo; a importância da linguagem universal do jogo; a sociedade multicultural; a planificação do espaço urbano e os processos de participação das crianças e dos jovens; os problemas de segurança dos equipamentos de jogo de acordo com a idade, gênero e nível de cultura; a questão dos comportamentos agressivos e violentos nos espaços escolares e sociais; os programas de intervenção possíveis de desenvolver através do jogo; as relações entre jogo e literacia pode desenvolver estratégias e ambientes apropriados à aprendizagem fundamental; as condições de acessibilidade ao jogo por crianças com necessidades especiais (Neto, 1997).

Estas reproduções estão relacionadas ao cotidiano da criança que substitui os objetos reais expressando seus personagens preferidos, como animais, super-heróis, monstros e outros. Na brincadeira a criança lida com a fantasia, a imaginação e o faz-de-

conta, trabalhando sua afetividade. Constrói junto com o processo de formação da personalidade, uma identidade pessoal e social.

#### 2. 7. 6 O Jogo como mecanismo interativo-social

O jogo é a atividade mais marcante para a criança durante os seis primeiros anos de vida. Curado, (apud Neto, 1997, p.84) afirma que existe uma forte inter-relação entre jogo e desenvolvimento, pois é através dele que a criança aprende a se autoconhecer e a saber quais as suas possibilidades e capacidades. Segundo o mesmo autor, a criança, através da atividade lúdica, vai estimulando e refinando seu desenvolvimento assim como suas relações interpessoais.

De acordo com Bueno (1999) é durante o jogo que a criança organiza, juntamente com a afetividade, seus gestos e até seu pensamento, conseguindo transpor essa capacidade para o mundo lá fora.

É através do jogo, que a criança “passará a criar e ampliar seu campo de atuação e expressão, tanto no plano pessoal quanto no familiar, escolar e social”(Bueno, 1999, p.95).

A criança quando joga vive seu próprio eu na reciprocidade da relação, vencendo a impotência, a negação e a frustração que existe em todos nós.

O jogo propicia um clima de libertação de tensões e conflitos oferecendo à criança oportunidades de explorar, influenciar e controlar o envolvimento físico e social.

Este envolvimento engloba não só o mundo físico, mas a interação com o outro, com a cultura que o cerca. A criança partilha desde cedo uma série de experiências interativas: com a mãe, com seus colegas, em contextos sócio-educativos cada vez mais amplos. Através do jogo a criança evolui da mentalidade primitiva da espécie humana para formas superiores de pensamento. Piaget, (apud Neto 1997) caracteriza o jogo infantil como libertador das tensões e conflitos ocorrentes nas crianças em fase escolar.

Durante a brincadeira de faz de conta ou dramática, a criança observa seu mundo de fantasia, bem como as interações entre ele e o mundo exterior. Pode então desempenhar vários papéis dando asas à sua imaginação e movida por suas experiências anteriores. “O papel do jogo e da fantasia é essencial para o desenvolvimento humano”. Vygotsky, (apud Vasconcellos, 1995, p.70). Ainda Vasconcellos (1995, p.72) descreve que “É no jogo da fantasia que a pessoa em desenvolvimento cria uma extensão de sua experiência presente, na direção do futuro, transformando sua vida pessoal pela orientação dada por um objetivo futuro”.

Muitos psicólogos concordam que o desenvolvimento harmonioso das criança depende, em parte, de quem cuida delas. “É no ambiente de jogo, livre de angústia, conflitos e tensões, que a criança e a mãe têm oportunidade de observar, experimentar, influenciar e exercer algum controle sobre o ambiente que a rodeia” (Curado, apud Neto, 1997, p.86).

O jogo enquanto fato social, assume a imagem que cada sociedade lhe atribui. Dependendo do lugar e da época, o jogo assume significações diferentes. Segundo Kishimoto (1997, p.17) “... cada contexto social constrói uma imagem de jogo conforme seus valores e modo de vida, que se expressa por meio da linguagem”.

### 2.7. 7 O jogo através de um paradigma ecológico

O jogo precisa ser compreendido através de uma teoria ecológica de ação, desenvolvendo abordagens com visão não lineares do processo e seguindo pontos não deterministas. Percebendo a criança como um ser integral e o desenvolvimento do jogo como um processo de auto-organização e auto-controle progressivo, levando em conta suas experiências anteriores, o professor desenvolverá suas estratégias de ensino.

No jogo, a criança pode experimentar tanto as formas estipuladas pela sociedade quanto as variações que ela própria pode escolher. Pode aceitar ou discordar de certas convenções, aprendendo sobre a solução de conflitos a negociação, a lealdade e a cooperação. Aprende também como utilizar padrões sociais que mais tarde irá utilizar em sua vida. No jogo, bem como na dança, estes padrões sociais são utilizados reforçando-se principalmente no que se refere a criança tímida e menos popular, levando-a a expressar sentimentos e incentivando as relações de cooperação no grupo.

### 3 O RITMO – A MÚSICA

O ritmo é responsável pelas vibrações harmônicas do Universo, formando estruturas ordenadas resultante de modelos rítmicos. É também responsável por todas as estruturas vibratórias dos organismos vivos incluindo planetas e sistemas planetários.

Começando pelo funcionamento do corpo humano: o pulsar do coração, a respiração e os ciclos de desenvolvimento. Os recém-nascidos são extremamente sensíveis ao ritmo. Eis porque embalar o berço e cantar baixinho para fazer dormir, diminuem a necessidade de chupeta, melhora o sentido de equilíbrio e alivia o temor de cair. Os acalantos trazem o sono à criança e satisfazem sua necessidade de estímulo.

O ritmo também diferencia os seres humanos quanto à sua fala, gestos, respiração, movimentos corporais e impressões digitais. Segundo Capra (1982 p.295) “a realidade à nossa volta é uma contínua dança rítmica”.

O ritmo natural tem sido considerado de primordial importância na vida do ser humano, por ser o mesmo a essência do movimento livre e espontâneo, e sua força, expressiva, criadora e individual. As crianças devem viver este ritmo para depois compreendê-lo. Quando entram para a escola, estas crianças possuem experiências musicais diversas umas das outras. Poucas têm noção de suas vozes no canto, isto é, raramente são capazes de coordenar voz e ouvido e não têm consistência de tom. Entretanto possuem um instinto rítmico que só precisa ser liberado e orientado para atingir o máximo de seu desenvolvimento. Portanto, musicalizar a criança nada mais é do que despertar-lhe a expressão espontânea e suas potencialidades latentes.

À medida em que cresce, aumenta na criança o amor ao ritmo. Na recitação da tabuada há uma tendência para fazê-lo com balanço do corpo, o que favorece o esforço pelo prazer que ocasiona. Assim, na escola os ritmos naturais existentes são levados ao nível de consciência e esta aprende a reagir ao fluxo compassado, progressivo e organizado da música.

A educação da criança tem na música o seu mais alto elemento de socialização e ajustamento. Esta pode estar presente em todas as áreas do currículo, pois combate a agressividade, inibe o auto-isolamento, desenvolve a inteligência, o espírito de iniciativa e aprimora as habilidades motoras.

Na pré-escola são altamente desejáveis as atividades nas quais as crianças reajam física, mental e emocionalmente à música e ao ritmo.

As atividades rítmicas objetivam estimular a capacidade auditiva, a capacidade de atenção e observação, bem como alcançar a harmonia entre a contração e relaxamento do movimento.

Visam favorecer o domínio motor economizando energia física e mental. Proporcionam uma alegria sadia, levando a criança a ter atitudes solidárias e tolerantes.

Os Brinquedos Cantados têm uma importância fundamental nesta etapa, pois reúnem os elementos fundamentais e expressivos da música: melodia, ritmo, harmonia, tempo e dinâmica, possibilitando unir a música à ação, utilizando movimentos que implicam no uso de grandes músculos e requerem alto grau de coordenação.

### 3.1 A Dança como unificadora

Shiva, o dançarino cósmico, sustentava através da dança, os múltiplos movimentos do mundo unificando todas as coisas ao emergí-las no seu ritmo e ao torná-las participantes de sua dança. Simboliza a base da existência, a imagem do universo dinâmico, com seus ciclos de criação/destruição, nascimento/morte. É o que os místicos orientais chamam de a Roda de Sâmsara.

Um dos mais importantes físicos deste século, Davi Bohm, usou a imagem de uma bailarina para ilustrar a dinâmica da unidade das leis e princípios quânticos. Comparou os movimentos dos elétrons no laboratório, aos dos bailarinos seguindo uma partitura.

Néel, (apud Capra, 1983, p.182) narra seu encontro com um lama (místico oriental) que lhe conta à respeito de sua visão da matéria “...Todas as coisas [ ...] são agregados de átomos que dançam e que, por meio de seus movimentos, produzem sons. Quando o ritmo da dança se modifica, o som também se modifica [...] Cada átomo canta incessantemente sua canção e o som, a cada momento, cria formas densas e sutis”.

Segundo Capra (1983, p.170) “todo universo está pois empenhado em movimento e atividades incessantes, numa permanente dança cósmica de energia”. Esta rede de interações efetua troca de energias num fluxo incessante. Energias estas que oscilam num movimento rítmico constante e ordenado como numa ciranda. Na dança de energia, as partículas subatômicas constroem e destroem outras partículas, existindo então ritmo e movimento constante. Tem-se então o fenômeno da dança cósmica.

Na dança, cada membro se destaca como indivíduo, mas todos emergem juntos numa realidade nova. A dança de roda não pode ser descrita em termos individualistas e mecanicistas. As crianças, assim como os bailarinos passam a fazer movimentos juntos, sincronizados, não podendo ser reduzidos, nem fragmentados. Todos adquirem uma identidade adicional evoluindo criativamente e em harmonia por intermédio da dança. É o holismo que emerge dentro do grupo. Cada um pode fazer sua parte, à sua maneira, mas todos são parte de uma só roda. Nenhum elemento é mais importante ou mais real que o outro. Exatamente como no reino quântico onde as relações são tão importantes quanto as individualidades. A roda tem identidade própria e cada criança enquanto participa da brincadeira adquire uma nova identidade: a de membro da roda.

## **4 OS BRINQUEDOS CANTADOS**

### **4.1 Conceito**

Comumente conhecidos como brinquedos de roda, rondas infantis, rodas cantadas ou ciranda, os brinquedos cantados são atividades de grande valor educativo e folclórico, simbolizando uma infância feliz. Segundo Araújo (1975, p.120) referindo-se às cirandas:

“...a maioria delas é vivência para nós, quando não, sobrevivem em nossa saudade, saudade dos tempos de criança...”

## 4.2 Origem

A palavra “ciranda” vem da palavra portuguesa “peneira grossa”, “joeiro”, cujo fundo é formado de juncos separados por pequenos intervalos, a fim de deixar passar as impurezas da matéria que se limpa. Talvez pelo movimento rotativo que se imprime às peneiras, originou-se o nome de ciranda a toda brincadeira em que os participantes se encontravam em rodas.

A informação primeira da roda é milenar. É uma das formas mais primitivas de dançar e todos os povos os têm, juntamente com os acalantos, os estribilhos musicais, as toadas e as cantigas avulsas.

Receberam influências de várias culturas, principalmente a lusitana, africana, ameríndia, espanhola e francesa, que plasmaram a contextura destas cantigas, e hoje não é fácil precisar onde começa a influência lusitana ou termina a ameríndia.

“A roda infantil brasileira como texto e tipo melódico permanece firmemente européia e particularmente portuguesa” (Andrade, 1944, p.82).

É inegável que a mais vasta contribuição estrangeira foi recebida de Portugal, não só decorrentes da própria imigração como também da ação dos colégios e associações transmitidas de geração a geração<sup>1</sup>.

A maioria dos folcloristas considera que os brinquedos cantados tiveram sua origem diferente. Uns dizem que foram provenientes de velhas cerimônias que passaram a jogos e danças de adultos, passando depois a brinquedos infantis, como parece ser “Mata, tira” (Anexo 1.1) e “Escravos de Jó” (Anexo 1.2); outros nasceram de estórias como é o caso da “Linda Rosa juvenil” (Anexo 1.3) . Outros ainda de cenas do próprio cotidiano como “A cachorrinha” (Anexo 1.4) e “Passa, passa gavião” (Anexo 1.5). Muitas originaram-se de canções populares, fandango ou crítica política.

Sainz (1947 p.8) informa que a melodia “*Tengo una muñeca vestida de azul*”, era o toque de artilheiros na Espanha. “Eu fui no Itororó” (Anexo 1.6) segundo Mello (1981, p. 227) esclarece: “Como se vê, a quadra claramente se refere à batalha de Itororó, travada entre o exército Imperial e o Paraguai, a 6 de dezembro de 1868, para a posse da ponte sobre o ribeiro daquele nome”. Em Natal, a cantiga “Vamos maninha, vamos” (Anexo 1.7) vem do fandango; o “Caranguejo” (Anexo 1.8) e o “ Tiriri” (Anexo 1.9) vieram de chulas. E outros como a “Lagarta pintada” (Anexo 1.10), que é um jogo infantil português, foram adaptados numa cantiga de roda.

“Por vezes descobrimos numa roda infantil os versos esparsos e perdidos de um poema medievo, com as mutilações do itinerário através de idades diferentes...” Ribeiro (1919, p.42).

---

<sup>1</sup> Os cantos foram recebendo influências de religiosos entre os quais destaca-se o padre Navarro que traduzia para o Tupi os cânticos e hinos religiosos e atraía as crianças ensinando-as a cantar e a orar.

O acervo dos brinquedos cantados inclui peças de formação nacional, internacional e de livre inspiração. Cita-se os exemplos:

- a) de procedência portuguesa, guardam a forma lusitana com que chegaram aqui, embora variadas e deformadas: “Ciranda, cirandinha, (Anexo 1.11) “A moda das tais anquinhas” (Anexo 1.12) - esta inclusive, sofreu várias corruptelas sendo encontrada até como “A moda das carranquinhas” ;
- b) de procedência espanhola: “Senhora dona Sancha” (Anexo 1.13).
- c) de procedência francesa: “Eu sou pobre, pobre, pobre” (Anexo 1.14).
- d) de procedência inglesa: “ Já viram uma menina?” (Anexo 1.15).
- e) de procedência sueca: “A linda Rosa juvenil” (Anexo 1.3).

Existem versões de cantigas, como por exemplo, onde a língua africana é empregada ao lado da portuguesa: “Você gosta de mim? Eu gosto de você... Se papai consentir, oh! Meu bem, eu caso com você...Alô, alô, calunga, mussunga, mussunga-ê...” (Anexo 1.16).

Em vários pontos do país, as crianças apropriaram-se de toadas locais para suas rodas, cantando-as porém em caráter primitivo.

Com o tempo, estes brinquedos foram adaptando-se entre nós e automaticamente incorporaram-se ao nosso patrimônio folclórico, chegando a ter sua forma nacional.

Vários foram os folcloristas que pesquisaram e recolheram os brinquedos cantados, encontrando diversas variantes em um só brinquedo. Como exemplo cita-se: Mário de Andrade, Oneida Alvarenga, Iris da Costa Novaes, Heitor Villa Lobos, Cecília Meireles, João Ribeiro, Luiz da Câmara Cascudo entre outros.

### 4.3 Contribuição Folclórica

“Folclore é a maneira de pensar, sentir e agir de um povo, preservada pela tradição popular e pela imitação” (Brandão, 1982, p.24).

O folclore é popular, anônimo, tradicional, mas passível às modificações. Caracteriza-se por ser transmitido oralmente de uma pessoa a outra e de geração à geração. Segundo Inocente, ( s/d.) possui características definidas que são:

- a) Tradicionalidade: sobrevivência garantida pelas gerações;
- b) Aceitação coletiva: O povo o toma para si, considerando-o como seu;
- c) Transmissão Oral: A propagação é feita “boca a boca”;
- d) Anonimato: O autor é desconhecido;
- e) Funcionalidade: O motivo, a razão de surgir e ser preservado;
- f) Extensão: Não liga-se apenas a um elemento. Está dentro de tudo e preso a tudo como numa rede;
- g) Popular: Aceito e reproduzido pelo povo.

Todo folclore é popular, mas nem todo popular é folclore. O folclore infantil é parte integrante da cultura folclórica. É um elo entre o presente e o passado preservando os valores sociais. A riqueza natural da criança manifesta suas potencialidades físicas, corporais, sensoriais, intelectuais e sociais através do folclore.

Segundo Melo (1981), o folclore infantil classifica-se em: Acalantos, Parlendas, Advinhas, Jogos populares e Cantigas de roda.

De acordo com Alvarenga (1960, p.12) “A música folclórica é o produto de uma tradição musical que evolui por meio da difusão oral”.

Nosso cancionero é muito rico. São incontáveis as cantigas de roda, danças e canções típicas. Muitas são conhecidas em todo o país, embora com variações nas diferentes regiões.

Não se pode desmerecer a importância que a música e o canto tiveram na obra catequética do Brasil. Na época da catequese o catolicismo romano lutou contra seus oponentes com armas como a música e o canto.

À medida que as crianças sentem estas canções como suas e compreende a beleza que encerram, mais fortes são os elos que se encontram entre elas e os elementos formadores de sua nacionalidade, principalmente os laços familiares, quando aprendem músicas que seus pais e avós cantavam quando crianças.

Com isso, a criança assimila e exhibe regionalismos verbais, como “chinoca”, “prenda minha” e aprende a valorizar sua cultura e sua tradição.

#### **4.4 Objetivos**

A roda é como a família: é o princípio do grupo, dando a sensação de pertencer a ele. É por isto que a criança demonstra satisfação de estar de mãos dadas com as outras, de participar dos mesmos gestos, dos mesmos movimentos, porque sente pertencer à roda.

O objetivo principal dos Brinquedos Cantados é contribuir para a educação integral da criança, tanto no aspecto físico, psicológico e social formando o verdadeiro cidadão.

#### **4.5 A influência dos Brinquedos Cantados na formação integral da criança**

Não faz muito tempo que os Brinquedos Cantados foram reconhecidos como fator de educação. Primeiro, precisou-se evidenciar o valor pedagógico do jogo e da música vocal em coro para se chegar depois, a ver nos Brinquedos Cantados, poderoso elemento educativo. Froebel ( apud Marinho, 1971, p. 286) defendeu o ensino do canto nas escolas, pretendendo assegurar à criança um completo desenvolvimento da sua natureza e permitindo-lhe a tomada de consciência de si própria. Divulgou a valiosa contribuição dos Brinquedos Cantados à educação entendendo serem estes a forma mais eficiente de expressão da sociabilidade através do canto coletivo.

Os Brinquedos Cantados atuam também na educação motora da criança oportunizando o desenvolvimento do ritmo e de suas estruturas temporais, organizando

seus movimentos no espaço e influenciando na dominância da lateralidade, que é a percepção integrada dos dois lados do corpo, quando a criança é solicitada a apresentar a mão direita, perna direita, mão esquerda, perna esquerda e assim por diante.

Permitem uma grande variedade de atividades cada qual com suas oportunidades diferentes para o desenvolvimento destas habilidades. Por representar a vantagem da associação do jogo ao canto coletivo, os Brinquedos Cantados visam estimular o aparelho motor da criança em sua necessidade de movimentar-se, através de harmoniosos movimentos da cabeça, dos braços, das mãos, bem como batidas de mãos e pés, juntamente com passos de dança.

Esta iniciação de dança educa o senso rítmico, firmando a voz, desenvolvendo a acuidade auditiva, solicitando movimentos respiratórios mais amplos.

Aprimora a memória auditiva e ajuda na evolução do esquema corporal promovendo o conhecimento intelectual das partes do corpo. “O esquema corporal é um elemento básico para a formação da personalidade da criança, pois reflete o equilíbrio entre as funções psicomotoras e sua maturidade” (Bueno, 1998).

Quanto ao lado cognitivo, esses brinquedos podem ser os geradores no processo de desenvolvimento e construção de conhecimentos das crianças partindo do interesse que tenham pelos temas contidos em suas letras. Contribuem para um fonetismo claro, desenvolvendo o vocabulário, aguçando a criatividade e a atenção. As repetições das cantigas de roda oferecem uma vivência muito rica da estrutura da língua materna. “Quadrinhas, rimas, refrões de quatro e de dois versos, encenações, diálogos, dramatizações, solos e cantos em uníssono, fazem parte da riqueza do vasto repertório de cantigas de roda” (Maffioletti & Rodrigues, 1995).

Nestes brinquedos há uma representação de papéis, assim como no jogo dramático e constitui uma forma de aliviar ansiedades, aumentar as habilidades relacionais, proporcionando aumento também em suas noções de valor pessoal.

Enfim, os Brinquedos Cantados têm como sugestão proporcionar um ensino prazeroso respeitando a alegria, a ludicidade e a expressão espontânea das crianças.

#### **4.6 Contribuição na construção da cidadania**

Os Brinquedos Cantados provocam socialização porque realizam contatos humanos, pois estes só existem quando as crianças se associam para brincar. O Brinquedo Cantado é coletivo pois requer a companhia de outros.

Com sua influência sócio-disciplinadora têm ação efetiva sobre a criança tímida, a criança dominadora e agressiva. A primeira, que a princípio repetirá os movimentos que são idênticos a todos e mais tarde, enfrentará situações de maior destaque. A segunda, realizando movimentos que são comuns ao grupo, aprenderá que nem sempre poderá exercer o papel de destaque e assim, esperará sua vez aprendendo a cooperar.

Segundo Paiva (1998, p. 43) o Brinquedo Cantado “É também um poderoso agente de educação quando atua como técnica de psicoterapia para personalidade instável, reprimida ou revoltada”. Na roda não há hierarquias, pois não há o mais forte, o mais rápido, nem o mais sabido. Não há a preocupação em quem será o vencedor. Também não há discriminação entre meninos e meninas. Os dois vivem um contato sadio sem serem obrigados a esconderem ou disciplinarem suas emoções.

Os Brinquedos Cantados falam à alma da criança e concorrem para uma intensificação dos sentimentos de amor e participação e respeito. Diz Leal (1977, p.88) “o valor educativo e a finalidade dos brinquedos cantados provém da sua forma disciplinada pelo ritmo musical, que ajuda no ajustamento social”.

É através destes brinquedos que as crianças vão alargar sua área de contato humano, aprendendo o significado de papéis e de atividades organizadas grupalmente.

De acordo com Portugall ( apud Marinho, 1971, p. 291):

“... os Brinquedos Cantados, e isso é comum a todos os jogos coletivos, fazem-na sentir-se parte de uma sociedade, de um todo, e compreender que, se juntar seus esforços aos dos seus companheiros, isto resultará benefício para todos e para cada um em particular (...) uma série de experiências a fará compreender as estreitas ligações que existem entre ela e o grupo. Aprenderá praticamente que, para ser estimada e suportada, precisará amar e suportar; que para gozar de seus direitos deverá respeitar os alheios e saber cumprir seus deveres conscienciosamente”.

Vygotsky (apud Freire, 1989, p.135) reforça este pensamento quando diz que “Nunca consideraram a noção de que aquilo que a criança consegue fazer com a ajuda dos outros poderia ser, de alguma maneira, muito mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que consegue fazer sozinha...”.

Portanto “Dando oportunidade aos tímidos de superar a sua inibição, encorajando-os e conduzindo-os à liderança, controlando os desejos dos prepotentes, ensinando-lhes a necessidade de união e respeito aos direitos dos outros, o brinquedo de roda integra a criança ao grupo, preparando-a para viver em sociedade” (Novaes, 1983, p. 9).

À partir do contato com as outras crianças, elas aprendem a descobrir-se a si mesmas e a conviver com os outros. Repetindo as quadrinhas com suas estrofes e rimas, estas aproximam-se cada vez mais de formas complexas de linguagem.

As regras existentes nos Brinquedos Cantados são simples e podem ser modificadas pelas própria criança. As variações devem ser estimuladas, acrescentando novas palavras ou estrofes numa melodia, novos passos, novos movimentos. Isto torna estes brinquedos uma forma essencial para desenvolver a autonomia, o pensar e o agir criativo.

Muitas crianças, devido às condições do lar ou peculiaridades pessoais, são incapazes de uma cooperação pronta e agradável. Daí as vantagens dos Brinquedos Cantados: os não sociáveis podem adquirir poder de cooperação e tornarem-se mais populares entre os companheiros; os tímidos se transformam na companhia dos outros; os desprestigiados ganham respeito de si mesmo e dos outros.

Através da experimentação de várias formas de comportamento social, as crianças desenvolvem hábitos de cortesia e educação, oferecendo ensejo para a expressão de dificuldades e anseios íntimos. Estas brincadeiras em conjunto auxiliam a passagem da fase do eu para o nós, pois as crianças rapidamente dão as mãos para brincar e a roda anda, a roda canta, a roda para; em vez de eu ando, eu canto, eu paro.

Os Brinquedos Cantados muito têm contribuído para a formação da cidadania. Em suas letras enfatiza-se o respeito aos índios e seu legado cultural :

“A uni cuniti a uni” (Anexo 1.48), o amor à natureza e a necessidade de não permitir-se o desmatamento das florestas: “A árvore da montanha” (Anexo 1.49).

O amor aos animais , evitando sua caça indiscriminada: “Os bichos têm direito a viver” (Anexo 1.51).

Os hábitos de higiene e cortesia, “O sol chegou” (Anexo 1.48), o respeito ao próximo, “Entrai na roda seu Sabiá” (Anexo 1.35), solidariedade e tolerância.

Em lugar de trabalhar com regras comportamentais, ensina-se através do lúdico e da música. Valores simples passados às crianças alteram sua rotina e até os hábitos dos pais. Praticando a cidadania a cada momento na roda, obtém-se grandes mudanças comportamentais, que acredita-se, valerão por toda vida.

Diz Fialho (1998): “O tipo humano que se chega a ser depende da cultura em que se cresce. A criança deve viver em um ambiente em que aprenda a respeitar e ser respeitada. Só desta forma chegará a seu um adulto que se respeita a si mesmo e respeita ao outro, despertando para a autonomia e a responsabilidade social.”

#### **4.7 Possíveis razões para o desaparecimento dos Brinquedos Cantados.**

São várias as razões que segundo os autores pesquisados estariam contribuindo para o desaparecimento dos Brinquedos Cantados. Entre elas pode-se destacar: Redução do tempo que os pais dispõe para os filhos; falta de conhecimento e interesse de professores em divulgá-los e a redução do espaço físico; redução do tempo de lazer da criança, em função das múltiplas atividades que a criança se vê obrigada a fazer; o espaço que a televisão e os jogos eletrônicos vieram ocupar; bem como a erotização precoce de nossas crianças concorrendo para um sério desequilíbrio das mesmas.

#### **4.8 Divisão**

Os Brinquedos Cantados dividem-se em vários tipos:

- a) Brinquedos de roda, contando ou não uma história: “Chep Chep ”, (Anexo 1.17), “Pai Francisco” (Anexo 1.18);
- b) Brinquedos de marcha, tão popular porque torna acessível uma figura que atemoriza a criança: “Marcha soldado” (Anexo 1.19);
- c) Brinquedos de pegar, que dão idéia de contestes: “Vamos passear no bosque” (Anexo 1.20), “ Olha o macaco na roda” (Anexo 1.21);
- d) Brinquedos de esconder: “Senhora dona Sancha” (Anexo 1.13) ;

- e) Brinquedos para selecionar jogadores: “Uni duni tê” (Anexo 1.22), “Lá em cima do piano” (Anexo 1.123).

#### **4.8.1 Classificação das rodas**

Os autores divergem quanto à classificação dos Brinquedos Cantados. Mello (1984) preferiu organizá-los em grupos de acordo com o estado de ânimo de cada uma, seguindo esta ordem:

- a) Amorosas;
- b) Satíricas;
- c) Imitativas;
- d) Religiosas;
- e) Dramáticas.

Já Novaes (1983) classifica-as de acordo com o canto, o andamento e a formação da roda. Entretanto, Marinho (1971) faz a seguinte classificação:

*Quanto ao conteúdo da letra:*

- a) Temas da vida social: “Periquito Maracanã ” (Anexo 1.24), “O meu chapéu tem três bicos” (Anexo 1.25);
- b) Temas da natureza: “Alecrim” (Anexo 1.26);
- c) Temas instrutivos: “Indiozinhos ” (Anexo 1.27);

d) Temas do romancieiro: “Terezinha de Jesus” (Anexo 1.27), “O cravo brigou com a rosa” (Anexo 1.29).

*Quanto ao andamento:*

- a) Rodas lentas: “Samba lê lê ” (Anexo 1.30);
- b) Rodas moderadas: “Que é de Valentim? ” (Anexo 1.31);
- c) Rodas vivas: “A linda Rosa Juvenil ” (Anexo 1.3) ;
- d) Rodas alternantes: “ Periquito Maracanã ” (Anexo 1.24).

*Quanto à execução musical:*

- a) coro: “A canoa virou ” (Anexo 1.32);
- b) solo e coro: “ Ao passar da barca ” (Anexo 1.33);
- d) forma mista – coro e parte falada: “Vamos passear no bosque” (Anexo 1.20).

*Quanto à estrutura*

- a) tipo AAA: em que todas as rodas são cantadas com a mesma melodia: “A moda das tais anquinhas” (Anexo 1.12);
- b) tipo AB: que reúne duas diferentes melodias: “O cravo brigou com a rosa” associada a “ Palma, palma, palma ” (Anexo 1.29);
- c) tipo ABC: possui três ou mais melodias diferentes: “ Eu fui no Itororó ” (Anexo 1.6).

*Quanto à formação*

- a) Roda simples: “Vamos maninha, vamos” (Anexo 1.7);
- b) Roda com um figurante ao centro: “ Eu perdi meu anel ” (Anexo 1.34);
- c) Roda com dois ou mais figurantes ao centro: “ O cravo brigou com a rosa” (Anexo 1.29);
- d) Roda com um figurante fora: “Entrai na roda seu Sabiá ” ( Anexo 1.35);
- e) Roda com figurantes dentro e fora: “A Linda Rosa Juvenil ” (Anexo 1.3);
- f) Roda assentada: “ Escravos de Jó ” (Anexo 1.2);
- g) Rodas concêntricas: “Engenho Novo” (Anexo 1.36).

*Quanto à movimentação*

- a) Marcha simples: “Marcha, soldado” (Anexo 1.19);
- b) Marcha na ponta dos pés: “Marcha, marcha, companheiro” (Anexo 1.37);
- c) Marcha saltitada: “ Fui à Bahia” (Anexo 1.38);
- d) Roda em cadeia ou serpentina: “Serpente” (Anexo 1.39);
- e) Rodas que acentuam determinados ritmos: “Pirulito que bate, bate” (Anexo 1.40);
- f) Rodas imitativas: “Carneirinho, carneirão” (Anexo 1.41);
- g) Rodas dramatizadas: “ A linda Rosa juvenil ” (Anexo 1.3), “Terezinha de Jesus” (Anexo 1.27).
- h) Misto de roda e dança: “Araruna ” (Anexo 1.42), “Balaio” (Anexo 1.44).

Já Paiva ( 1998) classifica os Brinquedos Cantados de acordo com o objetivo a ser desenvolvido:

- a) Mímica e Coordenação motora: “Periquito Maracanã” (Anexo 1.24);
- b) Esquema Corporal: “Se és feliz” (Anexo 1.45);
- c) Formação de Hábitos: “Entrai na roda seu Sabiá” (Anexo 1.35);
- d) Animais – ensinar a amá-los: “Meu galinho” (Anexo 1.46);
- e) Natureza – ensinar a preservá-la: “A árvore da montanha” (Anexo 1.50);
- e) Índios – ensinar o respeito: “A uni cuniti a uni ” ( Anexo 1.49);
- f) Festas Juninas e Folclóricas: “Capelinha de Melão”. (Anexo 1.47).

#### **4.9 Escolha dos brinquedos**

O professor deverá saber selecionar os Brinquedos Cantados que irá ensinar, levando em conta seu objetivo principal. Músicas que focalizam atos condenáveis, como “Atirei o pau no gato”, indicando maltrato aos animais, ou que apresentem conotação racista, fundo religiosos ou abordagem maniqueísta, como na versão mineira de “Esta rua tem um bosque”, não devem ser cultivadas. Na versão mineira desta última, vê-se o mal, o bode, vencido pelo bem, o anjo. Onde o bode, geralmente de cor preta, é identificado com as forças do mal. Outras rodas que devem ser evitadas são as que adotam o critério anti-sexista, onde a presença de estereótipos de que a mulher só domina assuntos domésticos e fúteis.

Ainda no que concerne a letra, vê-se que muitas das cantigas de roda, possuem as mais curiosas deformações em suas letras, pela própria incoerência com que são proferidas pelas bocas infantis. Daí as palavras erradas, frases de construção viciosa, erros de prosódia e de sintaxe, versos sem o número exato de sílabas requerido pela metrificação. Henriqueta (apud Faria Junior, 1999, p.438), chama a atenção para o que “não é permitido, a quem quer que seja, retirar dos textos tradicionais os seus regionalismos que tem que ser respeitados...”.

O professor ao ensinar pode corrigir o erro, sem no entanto prejudicar o cunho folclórico, nem retirar dos textos tradicionais os seus regionalismos, procurando manter a máxima fidelidade. Deve também selecionar os brinquedos que mais interessem às crianças e de dificuldades que não sejam maiores que as bagagens anteriores permitam resolver, a fim de que as crianças possam atender às solicitações e responder a elas. O tema deverá estar ligado ao interesse e à necessidade da criança, oferecendo situações que encerrem desafios motivadores para que haja alegria, participação e eficácia.

#### 4.9.1 Planejamento didático

Para que os objetivos propostos pelo educador sejam concretizados, será necessário que:

- a) os Brinquedos Cantados estejam de acordo com os princípios de aprendizagem expostos anteriormente;

- b) seja evitada a monotonia, alternando as rodas em diferentes andamentos;
- c) a gradação de esforço seja racionalmente mantida;
- d) introduzir aos poucos, os Brinquedos Cantados em que uma ou duas crianças apareçam em destaque, pois estes exigem maior grau de sociabilidade e representam experiências mais difíceis;

#### 4.9.2 Procedimentos

É importante que sejam observados determinados procedimentos no que se refere ao ensino dos Brinquedos Cantados. São eles:

##### a) Ensino da letra

Antes de ensinar a letra o professor deverá Ter com as crianças uma pequena conversa relacionada com a música: ou contando uma história, um fato, ou qualquer coisa que desperte o interesse do grupo. Chamar atenção da criança quanto à sua mensagem.

##### b) Ensino da melodia

Após o ensino da letra, entonar algumas vezes a melodia pedindo para a criança repetir, juntando a letra aos poucos.

##### c) Ensino da movimentação

Já aprendida a letra e a melodia, o professor ensinará a formação e a movimentação adequada, tomando o cuidado de respeitar a livre expressão e a criatividade da criança.

Com isso, pode-se observar que os Brinquedos Cantados atuam tanto na educação motora, afetiva e social da criança, como ajuda-a na construção de sua cidadania, através de brincadeiras que estimulam os sentimentos de amor, respeito e fraternidade.

O fato de se estimular a brincadeira de roda na infância, deverá contribuir para que no futuro estas crianças venham a tornar-se adultos mais equilibrados, criativos e felizes.

## **5 TEORIZANDO O EMPÍRICO**

Minhas experiências com os Brinquedos Cantados como educadora, começou em 1974, quando trabalhando como estagiária no Serviço Social do Comércio, atuei quase que exclusivamente com os Brinquedos Cantados e percebi que valores e hábitos eram facilmente ensinados à criança através da música e seu componente mais próximo: o jogo.

Através deste trabalho verifiquei que estes brinquedos possuíam muito mais que a graça e a beleza que tanto me encantavam, pois as crianças ao darem-se as mãos intensificavam seus sentimentos de amor e participação.

Em 1979 passei a trabalhar no Colégio Anglo Americano, na Itaipu Binacional, que contava com 2000 crianças só na área da pré-escola. Atuei como professora de expressão corporal destas crianças passando a interessar-me pela pesquisa e coleta destes brinquedos.

À partir daí venho trabalhando sempre com os Brinquedos Cantados, em cursos para professores e para as próprias crianças, como na escola Criança Feliz na usina de Xingó ( divisa de Sergipe com Alagoas). Pude verificar como os regionalismos podem ser divulgados através dos Brinquedos Cantados, quando por exemplo, as crianças demonstraram curiosidade à respeito de expressões regionais do sul, para elas então desconhecidas .

E também durante o projeto Universidade Solidária, 1998, na cidade de Quijique ( sertão da Bahia) . Foi uma experiência muito rica pois o trabalho com os Brinquedos Cantados em regiões diferentes como o Nordeste, só veio comprovar minha tese de que estes brinquedos são amados em toda parte e constituem-se num poderoso agente socializador, pois através deles conseguimos iniciar contato com as crianças de todos os povoados que visitamos. Eram lugares extremamente pobres, com crianças muito carentes e com as quais não sabíamos como entabular uma conversação. Foi quando nos ocorreu a idéia de começarmos a brincar de roda, entre nós mesmos, os professores.

E como num passe de mágica, as crianças foram saindo de suas casas e chegando para junto da roda, olhando-nos a princípio desconfiadas e logo o sorriso aparecendo em seus lábios, e dando-nos as mãos começavam a brincar conosco. E muitas delas também nos ensinaram cantigas que desconhecíamos e que só ali eram cantadas.

E assim aprendi que os Brinquedos Cantados podem ser um elo entre as pessoas e sempre os emprego quando vou com meus alunos do curso de Educação Física fazer trabalhos de recreação em asilos, orfanatos e hospitais.

## 6 CONCLUSÃO

Os hábitos e as emoções de todos os povos estão espelhados nas letras dos Brinquedos Cantados. É uma das melhores maneiras de apresentar às crianças seus amigos internacionais e inter-raciais. Tais canções originam-se do coração do povo e sobrevivem porque são amadas e compartilhadas. São experiências significativas e que provavelmente permanecerão com as crianças ao longo de suas vidas.

Desta forma, os Brinquedos Cantados precisam sair dos livros de folclore e de nossas reminiscências, para ganhar as ruas e as escolas. Os educadores devem acreditar no seu valor educativo como formadores de autenticidade, autonomia, criatividade, pois a criança logo estará inventando brincadeiras e gestos para as músicas, mostrando sua dinâmica social e capacidade interativa. A brincadeira sendo valorizada, o espaço para brincar será respeitado e os Brinquedos Cantados voltarão a fazer parte do cotidiano infantil.

A educação que está sendo proposta é um grito de amor à infância, devolvendo-lhe o espaço que lhe vem sendo roubado e que lhe cabe por direito. A partir da formação destes indivíduos, torna-se aceitável a esperança de um mundo bem melhor, onde os direitos da criança sejam respeitados e o desencanto com a humanidade em si seja eliminado.

Acostumados a importar técnicas inadequadas à nossa realidade, deixamos de lado nossos valores e nossas tradições, tão importantes para a formação cultural de um povo e de suas crianças. Tais valores incluem a cidadania em toda sua gama de expressão. Pode-se afirmar que através dos Brinquedos Cantados, poderiam ser incutidos em nossos

infantes, uma vez mais, hábitos que hoje são considerados “fora de moda”, como a cortesia, delicadeza e a consideração pelo outro. Outras formas de comportamento também são previstas como: Adaptabilidade, autonomia e popularidade – a criança sente-se mais segura ao entrar na roda, tomando iniciativa e, argumentando sobre suas escolhas.

Através dos Brinquedos Cantados a criança demonstra mudanças comportamentais positivas como: não agressividade, necessidade de estabelecer ligação com os outros, necessidade de possuir uma imagem favorável de si mesma e capacidade de sentir prazer na brincadeira. Passa a ser lugar comum o abraço descompromissado com a sexualidade, o sorriso e o prazer de brincar juntos sem ter que competir.

Acredita-se, assim, que estaremos preparando o cidadão para a não-violência, incentivando as relações de participação e cooperação no grupo, o respeito à natureza e aos seres que a habitam, a tolerância e a solidariedade para com os animais e as pessoas. Acreditamos, enfim, que a infância será reconsiderada e que através dos Brinquedos Cantados as crianças poderão retransmitir as histórias de sua terra e de sua gente, não deixando que nenhuma influência do tempo e do espaço venha a interferir neste processo educacional e mágico que só a roda pode lhes dar.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, M. **A Deusa Tríplice: em busca do feminino arquetípico.** São Paulo: Cultrix, 1989.

ALMEIDA, R. **Vivência e projeção do folclore.** Rio de Janeiro: Agir, 1971.

ALVARENGA, O. **Música Popular Brasileira.** Porto Alegre: Globo, 1960.

ANDRADE, M. de. **Pequena história da música.** São Paulo: Martins, 1944.

ARAÚJO, A. **Cultura Popular Brasileira.** São Paulo: Melhoramentos, 1975.

ARQUIVO FOLCLÓRICO DA DISCOTECA PÚBLICA MUNICIPAL. **Melodias registradas por meios não mecânicos.** São Paulo: Departamento de Cultura, 1946.

ARRUDA, Y. **Cantos infantis.** São Paulo: Nacional, 1957.

BEEKER, G. **Educação Física Infantil: ginástica historiada.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1968.

BONILHA, A. **Estudar cantando.** São Paulo: Irmãos Vitale, 1957.

BRAUNWIWSER, M. **Vinte e cinco Brinquedos Cantados.** São Paulo: Irmãos Vitale, 1953.

BRENNAM, B. **Mãos de Luz: um guia para a cura através do campo de energia humana.** São Paulo: Pensamento, 1987.

BRODSKY, G. **Do Jardim do Éden à Era de Aquarius: o livro da cura natural.** Rio de Janeiro: Ground, 1974.

BUENO, J. M. **Psicomotricidade Teoria & Prática: estimulação, educação e reeducação psicomotora com atividades aquáticas.** São Paulo: Lovise, 1998.

CAPRA, F. **O Tao da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental.** São Paulo: Pensamento, 1975.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente.** São Paulo: Pensamento, 1982.

CAPRA, F. **A Teia da Vida: uma nova concepção científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Pensamento, 1996.

- CARLOS NETO. **Motricidade e Jogo na Infância**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- CARLOS NETO (org.). **Jogo & Desenvolvimento da Criança**. Lisboa: Edições FMH. Universidade Técnica de Lisboa, 1997. Cap.1, p.10-22: Tempo & espaço de jogo para a criança .
- CARNEIRO, E. A **Sabedoria Popular**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1957.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Brasília: M.E.C/I.N.L., 1972.
- CURADO, M. et al. Comportamento Lúdico da Criança Portadora de Trissomia 21. In CARLOS NETO. **Jogo & Desenvolvimento da Criança**. Lisboa: Edições FMH. Universidade Técnica de Lisboa, 1997.
- DELORS, J. (org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.
- DIECKERT, J. et al. **Elementos e princípios da Educação Física: uma antologia**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1986.
- ELIAS, M. C. ( org.). **Pedagogia Freinet: Teoria e prática**. São Paulo: Papirus, 1996.
- EYRE, L & R. **Como Ensinar Alegria Às Crianças**. São Paulo: Maltese, 1992.
- FARIA JUNIOR, et al. **Uma Introdução à Educação Física**. Rio de Janeiro: Corpus, 1999.
- FERNADES, F. **Folclore e Mudança Social em São Paulo**. São Paulo: Vozes, 1979.
- FIALHO, F. A P. **Uma Introdução ao Estudo da Consciência**. Curitiba: Gênese, 1998.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.
- FREIRE, J. B. **De Corpo e Alma: o discurso da motricidade**. São Paulo: Sumus, 1991.
- FORNICIARI. G. **Como aprender a dançar**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1921.
- GAIO, R. **Ginástica Rítmica Desportiva “Popular”**: uma proposta educacional. São Paulo: Robe Editorial, 1996.

GARCIA, A. de R. **Nossos avós contavam e cantavam**: ensaios folclóricos e tradições brasileiras. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1949.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOMES, N & RUZANOWSKI, E. **Brasil, Música e Folclore**. São Paulo: Edart, 1982.

HARPER, B. et al. **Cuidado, Escola!**: desigualdade, domesticação e algumas saídas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

INOCENTE, P. **Folclore Infantil**. Ceitec. [s/d.].

JULIÃO, J. B. & GOMES, J. **Ciranda, Cirandinha**. São Paulo: Melhoramentos, 1924.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos Infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

LEAL, B. M. **Educação, cultura e técnica**. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

LE BOULCH, J. **Educação Psicomotora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LIRA, M. **Migalhas Folclóricas**. Rio de Janeiro: Marmmert, 1951.

MAFFIOLETTI, L. & RODEIGUES, J. **Cantigas de Roda**. Porto Alegre: Magister, 1995.

MCLEAN, A. **A Deusa Tríplice**: em busca do feminino arquetípico. São Paulo: Cultrix, 1989.

MACHADO, M. F. **Curso de Folclore**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, [s/d].

MARINHO, I. P. **Educação Física, Recreação e Jogos**. São paulo: Cia Brasil, 1971.

MARSICO, L. **A Criança e a Música**. Porto Alegre: Globo, 1981.

MATTOS, M. G. & NEIRA, M. G. **Construindo o Movimento na escola**. São Paulo: Porte Editora, 1999.

MEDINA, J..P.S. **A Educação Física Cuida do Corpo...e “Mente”**. Campinas: Papyrus, 1989.

MELLO, V. de. **Folclore Infantil**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1981.

MIZUKAMI, M. G. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU. Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1986.

MOBRAL. **Comece a conhecer o seu país**. São Paulo: Melhoramentos. [s/d.].

NOVAES, I. C. **Brincando de roda**. Rio de Janeiro: Agir, 1983.

OLIVEIRA, V. B. **Informática em Psicopedagogia**. São Paulo: Senac, 1999.

OUSPENSKY, P.D. **Um novo modelo do Universo: princípios do método psicológico aplicado aos problemas da Ciência, da Religião e da Arte**. São Paulo: Pensamento, 1987.

PAIVA, I. M. R. **Brinquedos Cantados**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

PALLARÉS, Z. M. **Atividades Rítmicas para o pré-escolar**. Porto Alegre: Redacta, 1981.

PENTEADO, J. R. Vamos todos cirandar **Revista viva a vida**. São Paulo: Abril Cultural, n.5, p.26-29., abril/mai. 1983.

PIAGET, J. GRECO, P. **Aprendizagem e Conhecimento**. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

PIMENTEL, F. **Os meus Brinquedos**. Rio de Janeiro: Quaresma, 1955.

PINTO, R. M. **Gestos Musicalizados: uma relação entre educação física e música**. Belo Horizonte: Inédita, 1997.

RIBEIRO, J. **O Folclore**. Porto: Litter, 1919.

ROGERS, C. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte. Interlivros, 1972.

SAINZ, L. H. & SANCHO, N. H. **Manual de Folclore**. Madrid: De Occidente, 1947.

SAMULSKI, D. Educação por meio do Movimento e do Jogo. In CARLOS NETO. **Jogo & Desenvolvimento da Criança**. Lisboa: Edições FMH. Universidade Técnica de Lisboa, 1997. P.226-237.

SCHINCA, M. **Psicomotricidade Ritmo e Expressão Corporal**. São Paulo: Manole, 1991.

SOUZA, J. R. **Brasil no Folclore**. Rio de Janeiro: Aurora, 1972.

SILVA, V. Só O Exemplo Constrói. **Nova Escola: a revista do professor**. São Paulo: edição 131, mensal, p.21. abril 2000.

VAYSSE, J. **Rumo ao despertar de si mesmo:** uma abordagem do ensino deixado por G.I. Gurdjieff. São Paulo: Pensamento, 1988.

VASCONCELLOS, V. M. R. de & VALSINER, J. **Perspectiva Co-Constructivista na Psicologia e na Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ZOHAR, D. **Sociedade Quântica:** A promessa revolucionária de uma liberdade verdadeira. São Paulo: Best Seller, 2000.

## 8 ANEXOS

### 1) Mata tira

*Formação: Roda com um figurante do lado de fora. A roda gira enquanto canta:*

Meu belo castelo

Mata tira tirerão...

Meu belo castelo

Mata tira tirerão...

*A que está fora da roda chama:*

Madame...

*(Diz o nome da criança escolhida)*

*As outras perguntam:*

Que dareis por ela?...

Mata tira tirerão...

Que dareis por ela?...

Mata tira tirerão...

*A menina que responde o que dará, por exemplo: um vestido de cetim, um broche de brilhantes, etc*

Um vestido de cetim

Mata tira tirerão...

Um vestido de cetim

Mata tira tirerão...

*A outra criança escolhida sai da roda e vai reunir-se à primeira. O brinquedo continua assim até que se forme uma segunda roda, enquanto que a primeira vai-se desmanchando.*

## 2) Escravos de Jó

*Formação: Roda com crianças sentadas, tendo na mão um objeto qualquer, de pequena dimensão. Cantando, a criança coloca o objeto que está em suas mãos à frente da que se acha à sua direita. A seguir, apanha o deixado pela companheira à sua esquerda e, da mesma maneira passa-o para a direita.*

Os escravos de Jó  
Jogavam caxangá  
Tira, bota,  
Deixa ficar

*Quando cantarem “tira” todos devem levantar o objeto. Quando disserem “bota” todos devem recolocá-lo no lugar, deixando –o por um tempo.*

Guerreiros, com guerreiros  
Fazem zigue, zigue, zá!

*Conservam o objeto na mão, embora façam a movimentação descrita. No último “zá”, deixam o objeto com a companheira da direita.*

## 3) A Linda Rosa juvenil

*Formação: Roda com uma criança ao centro – a “Rosa”- duas de fora : a “feiticeira” e o “rei”. A roda gira enquanto canta:*

A linda Rosa juvenil, juvenil, juvenil,  
A linda Rosa juvenil, juvenil.  
Vivia alegre no seu lar, no seu lar, no seu lar,  
Vivia alegre no seu lar, no seu lar.

*Entra a que representa a “feiticeira” e finge adormecer a “Rosa”.*

Mas uma feiticeira má, muito má, muito má,

Mas uma feiticeira má, muito má.

Adormeceu a Rosa assim, bem assim, bem assim

Adormeceu a Rosa assim, bem assim.

*A “feiticeira” sai e as crianças continuam rodando depressa, elevando os braços, simulando o mato crescendo.*

E o tempo passou a correr, a correr, a correr

E o tempo passou a correr, a correr.

E o mato cresceu ao redor, ao redor, ao redor,

E o mato cresceu ao redor, ao redor.

*Entra o “rei” entra e segura a mão da “Rosa”.*

Um dia veio um belo rei, lindo rei, lindo rei,

Um dia veio um belo rei, lindo rei.

E despertou a “Rosa” assim, bem assim, bem assim,

E despertou a “Rosa” assim, bem assim.

*Todos cantam batendo palmas enquanto o “rei e a “Rosa” dão voltas na roda.*

Disseram todos muito bem, muito bem, muito bem,

Disseram todos muito bem, muito bem.

#### **4) A cachorrinha**

*Formação: Roda, com uma criança ao centro. A roda gira enquanto canta:*

Cachorrinha está latindo,  
Lá no fundo do quintal  
Cala a boca cachorrinha,  
Deixa o meu benzinho entrar.

*A criança que está ao centro, escolhe alguém e, parando à sua frente com as mãos na cintura, saltita ora num pé, ora no outro.*

Osquindô lêlê,  
Osquindô lá lá.  
Osquindô lêlê,  
Não sou eu que caio lá.

*A criança escolhida toma o lugar no centro da roda.*

### **5) Passa, passa, gavião**

*Formação: Roda com as primeiras crianças de mãos dadas, com os braços elevados, formando um túnel.*

Passa, passa, gavião,  
Todo mundo passa.

*Param a roda, soltam as mãos e imitam os gestos característicos das lavadeiras.*

As lavadeiras fazem assim.  
As lavadeiras fazem assim.  
Assim, assado,  
Carne seca com ensopado!

*Assim prossegue o brinquedo, imitando os gestos das costureiras, pianistas, etc.*

### **6) Fui no Itororó**

*Formação: Roda com uma criança do lado de fora. A roda gira enquanto canta:*

Eu fui no Itororó,  
Beber água e não achei.  
Achei bela morena,  
Que no Itorroró deixei.

Aproveita minha gente,  
Que essa noite não é nada  
Quem não dormir agora,  
Dormirá de madrugada.

Óh! Maria,  
Oh! Mariazinha,  
Entrarás na roda  
E ficarás sozinha.

*A menina que está fora, passa para dentro da roda e canta;*

Sozinha eu não fico,  
Nem hei de ficar  
Porque tenho a “Fulana”  
Para ser meu par.

*A “Fulana” é a criança escolhida e que irá para o centro da roda. As duas cantam saltitando alternadamente:*

Tira, tira o seu pezinho,  
Bota aqui ao pé do meu.  
E depois não vá dizer  
Que você se arrependeu.

### **7) Vamos maninha, vamos**

*Formação: Roda simples. A roda gira enquanto canta:*

Vamos maninha, vamos  
Lá na praia passear.  
Vamos ver a barca nova  
Que do céu caiu no mar!

Nossa Senhora vem dentro,  
Os anjinhos a “remar”.

*As crianças soltam as mãos e imitam os movimentos dos remadores.*

Rema, rema, remador  
Que este barco é do Senhor.

O barquinho já vai longe...  
Os anjinhos a “remar...”  
Rema, rema, remador,  
Que este barco é do Senhor.

**8) Caranguejo**

*Formação: Roda simples. A roda gira enquanto canta:*

Caranguejo não é peixe,  
Caranguejo peixe é.  
Caranguejo só é peixe  
Na vazante da maré.

*Soltam as mãos das companheiras e batem palmas três vezes, batendo o pé direito no chão e, a seguir, fazem uma volta completa no mesmo lugar.*

Ora, palma, palma, palma!  
Ora, pé, pé, pé!  
Ora, roda, roda, roda,  
Caranguejo peixe é!

**9) Tiriri**

*Formação: Roda com um figurante do lado de fora que é o “Tiriri”. A roda gira enquanto canta:*

Vem cá, Tiriri,  
Vem cá Tiririri,  
As moças te chamam  
Tu não queres vir.

*O Tiriri vai respondendo quantas vezes queira, até se aproximar da roda.*

Eu não vou lá não,  
Eu não vou lá não,

Que eu peço uma esmola,  
Vocês não me dão.

*Fecha-se a roda com o “Tiriri” ao centro. A roda gira enquanto canta:*

Tiriri ri-ri  
De uma banda só  
Que ele canta e dança,  
Ninguém tem dó.

Tem que ter pena  
De seu “Fulano”,  
Que ele canta, ele dança  
De uma banda só.

*Aqui, cada um procura abraçar o outro, ficando sempre uma criança sem par, que será o Tiriri seguinte.*

### **10) Lagarta pintada**

*Formação: Roda com cada criança segurando na orelha da outra. A roda gira enquanto canta:*

Lagarta pintada,  
Quem foi que te pintou?  
Foi uma senhora  
Que por aqui passou.

A saia dela  
Fazia poeira,

Puxa lagarta  
No pé da orelha.

*Cada um finge que puxa a orelha do outro.*

### **11) Ciranda, cirandinha**

*Formação: Roda com um figurante fora. A roda gira enquanto canta:*

Ciranda, cirandinha,  
Vamos todos cirandar.  
Vamos dar a meia volta,  
Volta e meia vamos dar.

O anel que tu me deste  
Era vidro e se quebrou.  
O amor que tu me tinhas  
Era pouco e se acabou.

*A roda para e a criança cujo nome foi citado, entra na roda. Recita uma quadra e escolhe uma outra criança para substituí-la.*

Por isso, D. (nome da pessoa)  
Entre dentro desta roda.  
Diga um verso bem bonito,  
Diga adeus e vá-se embora.

### **12) A moda das tais anquinhas**

*Formação: Roda com um figurante ao centro. A roda gira enquanto canta:*

A moda das tais anquinhas,  
É uma moda estrangulada  
Depois do joelho em terra,  
Faz a gente ficar pasmada.

*A roda pára e cita o nome da criança que está ao centro: Esta, faz os movimentos ordenados e escolhe uma outra criança dando-lhe um abraço.*

( Nome da pessoa) sacode a saia,  
( Nome da pessoa) levante os braços.  
( Nome da pessoa) tem dó de mim,  
Oh! ( nome da pessoa) me dá um abraço.

### **13) Senhora Dona Sancha**

*Formação: Roda com um figurante ao centro tendo os olhos vendados. A roda gira enquanto canta:*

Senhora D. Sancha,  
Coberta de ouro e prata!  
Descubra o vosso rosto,  
Que eu quero ver a cara.

*A que está ao centro, responde:*

Que anjos são esses  
Que andam me guiando,  
De noite e de dia,  
Padre –Nosso, Ave Maria!

*A roda responde:*

Somos filhos do rei,  
E netos do visconde,  
Seu rei mandou dizer  
Para todos se esconderem.

*Todos correm para se esconder, enquanto a D. Sancha tira a venda e sai a procurá-los.*

#### **14) Eu sou pobre, pobre, pobre**

*Formação: Roda com um figurante ao centro, a “mãe rica”. Em frente, afastada: “a mãe pobre”. A “mãe pobre” canta os primeiros versos, caminhando para frente.*

Eu sou pobre, pobre, pobre,  
De marré, marré, marré.  
Eu sou pobre, pobre, pobre,  
De marré deci.

*A “mãe rica” canta junto com as outras crianças:*

Eu sou rica, rica, rica,  
De marré, marré, marré.  
Eu sou rica, rica, rica,  
De marré deci.

Eu queria uma de vossas filhas  
De marré, marré, marré.  
Eu queria uma de vossas filhas,  
De marré deci.

*As outras respondem:*

Escolhei a qual quizer  
De marré, marré marré.  
Escolhei a qual quizer,  
De marré deci.

*A “mãe” pobre responde:*

Eu escolho a (nome da pessoa)  
De marré, marré, marré.  
Eu escolho a (nome da pessoa)  
De marré deci.

*As outras perguntam:*

Que ofício dais a ela?  
De marré, marré, marré.  
Que ofício dais a ela?  
De marré deci.

*A mãe pobre responde:*

Dou ofício de (nome do ofício)  
De marré, marré, marré.  
Dou ofício de (nome do ofício)  
De marré deci.

*As outras respondem:*

Este ofício me agrada (ou não)  
De marré, marré, marré.  
Este ofício me agrada,  
De marré deci.

*Todas:*

Lá se foi a (nome da pessoa)  
De marré, marré, marré.  
Lá se foi a (nome da pessoa)  
De marré deci.

*Para terminar, invertem-se os papéis:*

Eu de pobre fiquei rica,  
De marré, marré, marré.  
Eu de rica fiquei pobre,  
De marré deci.

### **15) Já viram uma menina?**

*Formação: Roda com um figurante ao centro. A roda gira enquanto canta:*

Já viram uma menina?  
Passou por aqui  
De verde, azul, e rosa  
Fazendo assim

*A menina que está no centro, inventa algum gesto e todos imitam-na.*

Assim, assim,  
Assim, assim,  
Assim, assim,  
E também, assim.

### 16) Calunga

*Formação: Roda com um figurante ao centro. A roda gira enquanto canta:*

Você gosta de mim?  
Eu gosto de você...  
Se papai consentir, oh! meu bem,  
Eu caso com você...

*Todos cantam enquanto batem palmas. A criança que está ao centro escolhe outra, indo saltitar à sua frente, ora com um pé, ora com outro.*

Alê, alê, calunga,  
Mussunga, mussunga-ê.

*A criança escolhida responde:*

Si me dá de vestir,  
Si me dá de comer,  
Si me paga a casa, oh! Meu bem,  
Vou morar com você...

Alê, alê, calunga,  
Mussunga, mussunga – ê...

**17) Chep, chep**

*Formação: Roda com um figurante ao centro. A criança que está ao centro dá voltas no sentido contrário ao giro da roda enquanto canta:*

Fui à Nova Yorque  
Visitar a minha vó,  
Minha vó me ensinou  
A dançar o chep, chep,

*A criança do meio, pára em frente a outra na roda, dança com ela, enquanto todos cantam:*

Dançar o chep, chep,  
Chep, chep, chep, chep, auê!

*A criança escolhida, passa a acompanhá-la. E assim, a cada volta, uma criança vai-se integrando à roda de dentro, até que todas formem uma roda só.*

**18) Pai Francisco**

*Formação: Roda com dois figurantes fora. A roda gira enquanto canta:*

Pai Francisco entrou na roda,  
Tocando seu violão, dararão, dão dão

*Entra o “Pai Francisco”*

Vem de lá “seu delegado”  
Que o Pai Francisco  
Foi prá prisão.

*Entra o “delegado” e leva o “Pai Francisco”, que sai requebrando-se. A roda canta:*

Como ele vem,  
Todo requebrado!  
Parece um moleque desengonçado.  
Como ele vem,  
Todo requebrado!  
Comendo pipoca, amendoim torrado!

*“Pai Francisco” escolhe uma criança para substituí-lo.*

### **19) Marcha, soldado!**

*Formação: Roda, com uma criança atrás da outra. A roda marcha enquanto canta:*

Marcha, soldado,  
Cabeça de papel!  
Se não marchar direito,  
Vai preso no quartel.

O quartel pegou fogo,  
A polícia deu o sinal!  
Acode! Acode! Acode!  
A bandeira nacional.

### **20) Vamos passear no bosque**

*Formação: Roda com um figurante fora – “O Lobo”. A roda gira enquanto canta:*

Vamos passear no bosque,  
Enquanto “seu” Lobo não vem.  
“Tá” pronto, “seu” Lobo?

*O “Lobo” responde:*

- Estou tomando banho.

*A roda continua girando, cantando e perguntando se o lobo está pronto. O “lobo” responde que está vestindo a calça, vestindo a camisa, calçando os sapatos, etc. Quando disser saindo de casa, a roda se dispersa, pois o “lobo” correrá para pegar alguma criança. Esta irá substituí-lo.*

### **21) Olha o macaco na roda**

*Formação: Roda aos pares, dispostos um atrás do outro. Ao centro, um figurante: “o macaco”. A roda gira para a esquerda enquanto canta:*

Olha o macaco na roda!  
Olha o macaco na roda!  
Olha o macaco na roda!  
E ele quer sair,  
E ele quer sair,  
E ele quer sair.

*Quando repetir os dois últimos versos, as crianças do círculo interior fazem meia volta e andam em sentido contrário. Quando “o macaco” resolver bater palmas, todos devem procurar um par, inclusive “o macaco”. Quem ficar sem par, será o “novo macaco”.*

**22) Uni duni tê**

*Formação: Roda com crianças sentadas, tendo uma ao centro. Esta vai batendo nas palmas das mãos dos companheiros enquanto canta: a última palma a ser batida, será a da criança escolhida.*

Uni duni tê  
Salamê mingûê  
Um sorvete colorê,  
O escolhido foi você.

**23) Lá em cima do piano**

*Formação: A mesma da anterior.*

Lá em cima do piano,  
Tem um copo de veneno,  
Quem bebeu, morreu.  
O culpado não fui eu.

**24) Periquito Maracanã**

*Formação: Roda simples. A roda gira cantando e fazendo os gestos correspondentes à letra.*

Periquito Maracanã,  
Cadê a sua Iaiá.  
Faz um ano, faz um dia,  
Que eu não vejo ela passar.

*A roda sempre de mãos dadas, caminha para o centro, fechando-se.*

Ela vai chegando, ela vai chegando,  
Ela vai chegando, até chegar.

*A roda caminha para fora, abrindo-se.*

Ela vai afastando, ela vai afastando,  
Ela vai afastando, até afastar.

*A roda começa a girar devagar e vai girando cada vez mais depressa até parar.*

Ela vai girando, ela vai girando,  
Ela vai girando até girar.  
Ela vai correndo, ela vai correndo  
Ela vai correndo, até parar.

## **25) O meu chapéu tem três bicos**

*Formação: Roda simples. A roda canta enquanto faz os gestos correspondentes:*

O meu chapéu tem três bicos,  
Três bicos tem me chapéu.  
Se não tivesse três bicos,  
Não seria meu chapéu.

Ai, ai, ai, eu estranho,  
Este chapéu não é meu.  
Diminuiu de tamanho,  
Ou minha cabeça cresceu.

*Pode-se ir tirando as palavras e substituindo-as somente pelos gestos.*

**26) Alecrim**

*Formação: Roda simples. A roda gira enquanto canta:*

Alecrim, alecrim dourado,  
Que nasceu no morro  
Sem ser semeado.

Foi meu amor!  
Quem me disse assim:  
Que a flor do campo é o alecrim.

**27) Indiozinhos**

*Formação: Roda sentada. A roda canta e faz os gestos correspondentes:*

Um, dois, três, indiozinhos.  
Quatro, cinco, seis, indiozinhos.  
Sete, oito, nove, indiozinhos.  
Dez, num pequeno bote.

Iam navegando rio abaixo,  
Quando o jacaré apareceu.  
E o pequeno bote com os indiozinhos  
Quase, quase virou.

**27) Terezinha de Jesus**

*Formação: Roda simples com três figurantes ao centro. A roda gira enquanto canta:*

Terezinha de Jesus,

Deu uma queda e foi ao chão;  
Acudiram três calheiros,  
Todos os três, chapéu na mão.

*O “pai” dá um passo em direção à “Terezinha”. A seguir, o irmão e, finalmente o “noivo” que a auxilia levantar-se.*

O primeiro foi seu pai,  
O segundo, seu irmão;  
O terceiro foi aquele,  
Que a Teresa deu a mão.

Terezinha levantou-se,  
Levantou-se lá do chão.  
E sorrindo disse ao noivo:  
Eu te dou meu coração.

*“Terezinha” canta as duas últimas quadras e ao terminá-las, aproxima-se de outra companheira, abraçando-a.*

Tanta laranja madura,  
Tanto limão pelo chão,  
Tanto sangue derramado  
Dentro do meu coração.

Da laranja, quero um gomo,  
Do limão, quero um pedaço  
Da menina mais bonita,  
Quero um beijo e um abraço.

**29) O cravo brigou com a rosa**

*Formação: Roda simples. A roda gira enquanto canta:*

O cravo tem vinte folhas,  
A rosa tem vinte e uma,  
Anda o cravo em demanda,  
Porque a rosa tem mais uma.

O cravo brigou com a rosa,  
Debaixo de uma sacada,  
O cravo saiu ferido,  
E a rosa despedaçada.

O cravo ficou doente,  
A rosa foi visitar.  
O cravo teve um desmaio,  
E a rosa pôs-se a chorar.

Palma, palma, palma,  
Pé, pé, pé.  
Roda, roda, roda  
Caranguejo peixe é.

**30) Samba-Lelê**

*Formação: Roda com um figurante ao centro. A roda gira enquanto canta a primeira quadra:*

Samba-Lelê está doente,  
Está com a cabeça quebrada.

Samba-Lelê precisava,  
É de umas boas palmadas.

*A roda pára e bate palmas.*

Samba, samba, samba o Lelê!  
Pisa na barra da saia, o Lelê!

*A roda canta os dois primeiros versos e pára. A criança do centro canta os dois versos finais:*

Ó morena bonita,  
Como é que se namora?  
Bota o lencinho no bolso,  
Deixa a pontinha de fora.

Ó morena bonita,  
Como é que se casa?  
Põe o véu na cabeça,  
Dá o fora de casa.

Ó morena bonita,  
Onde é que você mora?  
Moro na Praia Formosa,  
Digo adeus e vou-me embora.

### **31) O que é de Valentim?**

*Formação: Roda simples. A roda gira enquanto canta:*

Que é de Valentim?  
Valentim, trás, trás.  
Que é de Valentim?  
É um bom rapáz.  
Que é de Valentim?  
Valentim sou eu.  
Bela moreninha, este par é meu.

*No último verso, cada criança dá o braço pára a que está ao lado, girando com ela.*

### **32) A canoa virou**

*Formação: Roda com um figurante ao centro A roda gira enquanto canta:*

A canoa virou,  
Foi deixar ela virar,  
Foi por causa da ( nome da pessoa),  
Que não soube remar.

Se eu fosse um peixinho  
E soubesse nadar,  
Eu tirava a ( nome da pessoa)  
Do fundo do mar.

### **33) Ao passar da barca**

*Formação: Roda com um figurante ao centro. A roda gira enquanto canta:*

Ao passar da barca,  
Me disse o barqueiro

Menina bonita  
Não paga dinheiro.

*A criança do centro responde:*

Eu não sou bonita,  
E nem quero ser  
Eu tenho dinheiro,  
Eu pago a você.  
Eu sou viuvinha  
Do conde Lerém  
Eu quero casar,  
Não acho com quem.

*A roda responde:*

Uma moça tão bela  
Se queres casar,  
Escolhe a teu gosto,  
Que hás de achar!

*A do centro responde escolhendo outra criança que irá substituí-la.*

Escolho o ( fulano),  
Por ser o mais belo,  
A flor mais singela,  
Que há no jardim.

**34) Eu perdi meu anel**

*Formação: Roda simples. A roda gira enquanto canta:*

Perdi meu anel,  
No buraco da parede.  
Quem achar me dê de volta,  
Meu anel de pedra verde.

Oskindô le-lê,  
Oskindô le-lê lá-lá.  
Os kindô le-lê,  
Não sou eu que caio lá.

**35) Entrai na roda, Seu Sábíá**

*Formação: Roda com um figurante fora. A roda gira enquanto canta:*

Entrai na roda, Seu Sábíá,  
Laiá laiá, laiá, laiá, laiá.

*O “Sábíá” entra na roda.*

Dizei bom dia, Seu Sábíá,  
Laiá laiá, laiá, laiá, laiá.  
Dizei boa tarde, Seu Sábíá,  
Laiá laiá, laiá, laiá, laiá.

*O “Sábíá” cumprimenta os que estão na roda.*

Tirai o chapéu, Seu Sábíá,

Laiá laiá, laiá, laiá, laiá.

*O “Sabiá” faz o gesto de tirar o chapéu.*

Passeai no jardim, Seu sabiá,

Laiá laiá, laiá, laiá, laiá.

Escolhei seu par, Seu sabiá,

Laiá laiá, laiá, laiá, laiá.

*O “Sabiá” passeia pela roda e escolhe outra criança que irá substituí-la.*

### **36) Engenho Novo**

*Duas rodas concêntricas. Nos dois primeiros versos giram em sentido contrário, depois retornam ao lugar. A roda gira enquanto canta:*

Engenho novo, engenho novo,

Engenho novo, bota a roda prá rodar.

*As crianças viram-se, ficando uma atrás da outra na roda, dão três passos para frente, giram e retornam ao lugar.*

Eu dei um pulo, dei dois pulos, dei três pulos,

Desta vez pulei o muro,

Quase morro de pular.

*Repetem a primeira quadra. Cantam a terceira, repetindo a movimentação da segunda quadra.*

Capim de planta,

Chique, chique, mela, mela,

Eu passei lá na capela,  
Vi dois padres a “rezar”.

### **37) Marcha, marcha**

*Formação: Roda simples, com uma criança atrás da outra. Marcham, enquanto cantam:*

Marcha, marcha, companheiro,  
Marcha, marcha, bem ligeiro.  
Marcha de leve na ponta dos pés,  
Marcha contando de um a dez.  
Um, dois, três...

### **38) Fui à Bahia**

*Formação: Roda com um figurante ao centro, de chapéu. A roda gira, saltita, e canta:*

Fui à Bahia,  
Buscar meu chapéu.  
Da cor da morena.,  
Da cor do céu.  
Não é meu,  
Não é de ninguém,  
É só da morena que eu quero bem.

*A criança do centro, escolhe outra a quem deverá passar o chapéu.*

### **39) Serpente**

*Formação: Roda com um figurante ao centro. Este deverá começar a rodar pelo lado de dentro da roda. A roda gira enquanto canta:*

Esta é a história da serpente,  
Que desceu o morro,  
Para procurar  
Um pedacinho do seu rabo.

Você também, você também, você também,  
Faz parte do rabão.

*A criança que está ao centro, bate a mão na cabeça de mais três crianças que deverão acompanhá-la, formando o rabo da serpente. A brincadeira acaba quando todas as crianças da roda de fora, estiverem atrás da serpente, fazendo parte de outra roda em serpentina.*

#### **40) Pirulito que bate, bate...**

*Formação: Roda com duas crianças se defrontando, dispostas de lado para o centro da roda. Cada criança, de frente para seu par, cantando a primeira quadra, fazendo os seguintes movimentos enquanto canta:*

Pirulito que bate, bate

*Batem as palmas das mãos na parte superior da coxa*

Pirulito que já bateu

*Batem palmas uma vez*

Quem gosta de mim é ela;  
Quem gosta dela, sou eu.

*Bate a mão direita na mão direita do par e bate palmas outra vez. Idem, com a mão esquerda.*

#### **41) Carneirinho, carneirão**

*Formação: Roda simples. A roda gira, imita os movimentos determinados pela letra enquanto canta:*

Carneirinho, carneirão-neirão-neirão,  
 Olhai pro céu, olhai pro chão, pro chão, pro chão.  
 Manda o Rei, Nosso Senhor, Senhor, Senhor  
 Para todos se “ajoelhar”.  
 Carneirinho, carneirão, etc...  
 ...Para todos se “levantar”  
 ...Para todos se “sentar”  
 ...Para todos se “deitar”

...Para todos se “levantar”

#### **42) Araruna**

*Formação: Duas rodas concêntricas. Nos dois primeiros versos as rodas giram em sentido contrário e voltam ao lugar nos segundo e terceiro versos. Cantam:*

Tenho um pássaro preto, Araruna!  
 Que veio lá de Natal, Araruna!

*As rodas giram para fora e para dentro simultâneamente, enquanto cantam os quatros últimos versos.*

Xô, xô, xô, Araruna,  
 Xô, xô, xô, Araruna,

Xô, xô, xô, Araruna,  
Não deixe ninguém te pegar, Araruna!

#### **44) Balaio**

*Formação: Duas rodas concêntricas. Na primeira quadra as crianças dão-se os braços, girando no mesmo sentido.*

Eu queria ser balaio,  
Balaio eu queria ser.  
Para andar dependurado  
Na cintura de você.

*Os pares colocam os braços na cintura um do outro e giram enquanto cantam:*

Balaio, meu bem, balaio, Sinhá,  
Balaio do coração.  
Moça que não tem balaio, oh! Sinhá,  
Bota costura no chão.

*Na Segunda quadra as damas giram em sentido contrário aos cavalheiros.*

Eu queria ser balaio,  
Na colheita do algodão.  
Para andar dependurado  
Junto do seu coração.

*Na terceira, as damas vão para o centro e os cavalheiros vão para fora da roda.*

Eu queria ser balaio,  
Na colheita na mandioca,

Para andar dependurado  
Na cintura das “chinoca”.

#### **45) Se és feliz**

*Formação: Roda simples. Executam os gestos indicados pela melodia, sempre acumulando com os gestos e ordens anteriores. Ex: Batem palmas, batem os pés, assoviam. A roda gira enquanto canta:*

Se és feliz  
Quero ouvir bater as mãos,  
Se é feliz  
Quero ouvir bater os pés,  
Se é feliz, eu bem sei.  
E posso lhes dizer,  
Se és feliz, quero ouvir  
Bater as mãos.

Se és feliz, quero ouvir bater os pés,  
Se és feliz,  
Quero ouvir bater os pés,  
Se és feliz, eu bem sei.  
E posso lhes dizer  
Se és feliz, quero ouvir bater os pés.  
Bater as mãos, bater os pés.

...você dizer: obrigado!  
...você dizer: por favor!  
...assoviar...

**46) O meu galinho**

*Formação: Roda simples. A roda gira fazendo os gestos correspondentes indicado na letra, enquanto canta:*

Há três noites que eu não durmo, olá,lá!

Pois perdi o meu galinho, olá, lá!

Coitadinho, olá, lá!

Pobrezinho!, olá,lá!

Eu perdi lá no Jardim.

Ele é branco e amarelo, olá lá,

Tem a crista bem vermelha, olá lá,

Bate as asas, olá lá,

Abre o bico, olá lá,

Ele faz quiriquire.

Procurei no Mato Grosso,

Amazonas e Pará,

Encontrei, olá lá,

Meu galinho, olá lá,

No sertão do Ceará.

**47) Capelinha de melão**

*Formação: Roda simples. A roda gira, fazendo os gestos sugeridos pela letra enquanto canta:*

Capelinha de melão

É de São João.

É de cravo, é de rosa,

É de manjeriço.

São João está dormindo,

Não acorde não.

Acordai, acordai,

Acordai, João.

#### **48) O sol chegou**

*Formação: Roda simples. A roda gira fazendo os gestos sugeridos pela letra.*

O sol chegou

Nem licença pediu,

Me acordou com um tapa de luz.

Porta não há

Que me possa abrigar,

Tô no tempo

O tempo é meu lar.

Hora de levantar

Hora de se lavar

Hora de despertar

Para o dia.

Hora de alimentar

Para poder brincar

Nós temos de enfrentar

Mais um dia .

**49) A Uni cuniti a uni**

*Formação: Roda com crianças sentadas. Batem as mãos no chão, nos joelhos, nos ombros e acabam batendo palmas em cima da cabeça.*

A unicuniti a uni  
A uni cuniti auni  
Ai, ai, ai hipi ai caieni  
Ai, ai, ai, hipi ai caieni

*Fazem gestos imitando os índios.*

Índio engraçado  
Da cara pintada  
Você é valente  
Não tem medo de nada.

Você mora no mato  
No meio de animais  
De feras e de tudo  
E muitas coisas mais

**50) A árvore da montanha**

*Formação : Roda simples. A roda gira enquanto canta:*

A árvore da montanha, olê, iaê  
Nesta árvore tem um tronco,  
Ai que tronco, lindo tronco  
Ai, ai, ai, que amor de tronco.  
O tronco da árvore,  
E a árvore da montanha ole, iaê

Neste tronco tem um galho, ai que galho, lindo galho

Ai, ai, ai, que amor de galho.

O galho do tronco, do tronco da árvore

E a árvore da montanha olê, iaê

Neste galho tem uma folha...

Nesta folha tem um ninho...

Neste ninho tem um pássaro...

Este pássaro tem uma pena...

Esta pena tem um índio...

Este índio tem uma arco...

Este arco tem uma flecha...

Esta flecha já foi uma árvore

Oh! Que árvore, bela árvore

Ai, ai, ai, que amor de árvore...

### **51) Os bichos têm direito à vida**

*Formação: Roda simples. As crianças cantam, giram e imitam os bichos citados.*

Se eu fosse um jacaré

Não calçaria mais o seu pé.

Se eu fosse uma raposa

Não vestiria mais sua esposa.

Se eu fosse um elefante

O meu marfim seria só prá mim.

Quero ser a guardiã

E preservar o mundo de amanhã.

Os bichos tem direito a viver

Se reproduzir, o mundo colorir.

Tamanduá bandeira, andorinha azul

Mico leão, baleia.

Tem tanto animal em extinção

Tem desmatamento, poluição.

## **SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS**

### **. AS CIRANDAS E SUA UTILIZAÇÃO COMO MANTRAS**

Não é por acaso que as crianças adormecem embaladas pelas cantigas de ninar. Sua entoação sempre numa linha melódica que tanto encanta as crianças e os mais velhos, deve com certeza possuir vibrações de altíssima frequência e ligação com planos bem mais elevados.